

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

FRANCISCO PEDRO AROUCHE

**LÁPIDES QUE CONTAM HISTÓRIA: O LUGAR DOS MORTOS NA IGREJA DO
CARMO EM ALCÂNTARA - MA**

Pinheiro - MA
2022

FRANCISCO PEDRO AROUCHE

**LÁPIDES QUE CONTAM HISTÓRIA: O LUGAR DOS MORTOS NA IGREJA DO
CARMO EM ALCÂNTARA – MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, Campus Pinheiro, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas com habilitação em História.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro

Pinheiro - MA
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

AROUCHE, FRANCISCO PEDRO.

LÁPIDES QUE CONTAM HISTÓRIA : O LUGAR DOS MORTOS NA
IGREJA DO CARMO EM ALCÂNTARA - MA / FRANCISCO PEDRO
AROUCHE. - 2022.

101 p.

Orientador(a): DIMAS DOS REIS RIBEIRO.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, PINHEIRO - MA,
2022.

1. Alcântara - MA. 2. Epigrafia. 3. História. 4.
Igreja do Carmo. 5. Lápides. I. RIBEIRO, DIMAS DOS REIS.
II. Título.

FRANCISCO PEDRO AROUCHE

**LÁPIDES QUE CONTAM HISTÓRIA: O LUGAR DOS MORTOS NA IGREJA DO
CARMO EM ALCÂNTARA – MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, Campus Pinheiro, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas com habilitação em História.

Aprovada em: ___/___/ 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (Orientador)
Doutor em Serviço Social
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dra. Anne Caroline Nava Lopes
Doutora em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof.^a Esp. Julyana Cabral Araújo
Mestranda em História
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Dedico a Deus, a minha família e aos colegas da UFMA, em especial a Heráclito, que infelizmente faleceu antes de concluir o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao Deus criador de tudo e de todos, à Ele que está na memória de todo ser consciente, a quem devo tudo o que tenho e quem sou. Pois, segundo a tradição bíblica literária, é por meio desse Deus que os seres vivos existem e se movem. Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que ao longo da minha vida me ajudaram direta ou indiretamente; principalmente durante os últimos 6 anos, enquanto acadêmico, de uma das melhores instituições de ensino superior do Brasil, a Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Sou também eternamente agradecido aos meus pais biológicos: Hipólito Cassiano Ferreira e Zefirina Adriana Arouche e aos meus pais adotivos: José Aureliano da Costa Leite e Pedrolina Alexandrina Arouche (vulgo Dona Pedrinha) a quem devo a educação social, cultural e religiosa, que muito tem me ajudado a trilhar nas normas de boa conduta.

A minha esposa e meus 07 filhos (04 filhos e 03 filhas) que muito tem me ajudado e se esforçado para me compreender, depositando suas esperanças no meu sonho, que só está sendo possível, graças a Deus mais uma vez e a disposição que ele me deu para caminhar. E isso já fiz por muitos quilômetros indo e voltando nos “caminhos da escola”, nos tempos de minha infância no fundamental, quando não havia boas estradas muito menos transporte escolar, e já em tempos modernos com estradas asfaltadas, ônibus climatizados eu ainda continuo caminhando sempre que preciso para alcançar meus objetivos não medindo as distâncias.

Não posso deixar de agradecer a UFMA como uma instituição educadora, e muito mais como “família” acolhedora, e desta família gostaria de dar destaque a dois grupos: o apoio acadêmico e o corpo docente, em especial ao professor Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (e claro, sem menosprezo de forma alguma aos demais). O professor Dimas, tem sido para mim muito mais do que professor, antes, vem sendo um amigo para todas as horas, dentro e fora da sala de aula.

Também não poderia esquecer neste momento o professor Adriano, professor Arkl professor Ítalo, professora Fernanda, professora Doracy, professora Francilene. À equ, técnica do laboratório, aos bibliotecários pela sua paciência e dedicação aos estudantes.

Minha gratidão ao pessoal que cuidavam e aos que ainda cuidam da limpeza e conservação dos prédios do Campus Pinheiro, agradeço também ao pessoal do RU, (Restaurante Universitário). Agradeço de coração aos meus tantos colegas de turmas, que por serem tantos, e para não cometer injustiças, não citarei os nomes, porém o que quero aqui

registrar sobre “meus amigos de turmas” é que sem alguns deles eu nunca teria concluído o curso, e me tornado a primeira pessoa em um grupo familiar de 22 irmãos, a cursar o “nível superior”, principalmente sendo membros da classe trabalhadora e ainda por cima ser negro afrodescendente.

Gostaria de agradecer aos motoristas dos transportes escolares de ônibus e vans, que mesmo ganhando um salário, dirigiram a noite e em estradas esburacadas com paciência, nos conduzindo em busca de “um sonho”, uma tão almejada Graduação. Aos taxistas de São Bento e Palmeirândia, que na falta do transporte escolar, não me deixaram na estrada, mesmo quando não tinha dinheiro, agradeço a eles. Mas, agradeço mais ainda, àqueles que me deram “carona”, sim, as caronas que peguei tanto para ir como para vir, foram tantas e em veículos tão variados que se iguala às viagens no transporte do Estado, ou as que paguei. Quero neste ponto relembrar algumas caronas que só um sonhador insistente como sou eu, poderia mesmo pegar, por exemplo: “em cima de caminhão carregado de material de construção, dentro de baú de transportar mercadorias, em cima de trator pula-pula (daqueles usados geralmente em propriedades e fazendas, em carroça de tração animal; porém, a mais inusitada foi dentro de um carro popular que estava cheio de “patos e galinhas”, e desta vez, eu estava com mais duas amigas alunas da UFMA, e todo esse esforço foi para não perder a conclusão de uma etapa de estágio obrigatório”.

Meus agradecimentos com todo carinho às pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação como as que me cederam um lugar em suas casas para dormir, a fim de não perder minhas aulas ou não ficar nas ruas, ao retornar da universidade, entre essas permita citar algumas: a dona Maria Bague em São Bento, uma senhora de mais de 100 anos, segundo ela mesma afirma “eu tenho mais de 100 anos, porque eu conheci os avós do meu segundo marido e ele já faleceu há 36 anos, e eu tô aqui”, assim diz “Bague” como é carinhosamente chamada, dormi tantas noites na casa dela, a qual mora na companhia do seu filho caçula, que ela até se acostumou com minha presença, e mesmo depois de encerradas as aulas presenciais dona Bague pergunta se já cheguei para dormir. Outra casa onde dormi muitas noites foi de compadre Félix, o qual veio a falecer em 2019, portanto, antes do término desta minha “luta”. Segue aqui a relação de outras pessoas tão especiais que se confiaram e me deram um lugar para dormir em suas casas, portanto sou sempre grato a elas: a amiga Laíse, o Paulo Djalma, (os três últimos são também de Palmeirândia e estudantes da nossa querida e única Universidade Federal em nosso Estado, a UFMA).

Minha imensa gratidão a amiga Concita e suas filhas, netos e netas que me receberam e me trataram como se eu fosse parte da família, não só à noite, mas a todas as horas que

precisei, disponibilizando inclusive telefone, internet e um quarto exclusivo para meu conforto. Ainda neste grupo dos amigos que me acolheram, principalmente às noites, quero mencionar aqui o compadre Benedito, o amigo e colaborador Luís França e família, Palmeirândia, também o amigo Luís Cunha e dona Maricoco no Rumo - Palmeirândia.

Agradeço igualmente do fundo do meu coração, aos amigos e companheiros residentes da Residência Universitária Mista de Pinheiro (RUMP), por terem se mostrado solícitos para comigo em todo tempo; desses amigos, uns por bastante tempo, outros por pouco, eu só posso falar do bem que me fizeram, e das suas boas ações em meu favor, pois graças a Deus, eles nunca me fizeram maldade nenhuma. Pretendo guardar cada um deles no coração, afagados por uma saudade que se aviva a cada dia por vir.

Expresso meus sinceros agradecimentos às administrações municipais de São Bento, Palmeirândia e Pinheiro, em especial nos “anos iniciais” 2015, 2016 e 2017, do curso. Pois os três primeiros anos são cruciais, para a continuidade ou não, em qualquer caminhada acadêmica (penso que este pensamento seja verdadeiro).

Meus agradecimentos com muito carinho a meus amigos e amigas de São Bento, com destaque para os professores gestores, coordenadores da escola Dom Francisco, a seu Carlos, dona Peninha, professora Bethânia, a professora Bethânia foi além de minha principal incentivadora, tem sido minha colaboradora; a professora Thelma pela paciência; agradeço também aos porteiros. Do Dom Luís de Brito, seu Francisco gestor e coordenador das três versões do Enem (2012, 2013 e 2014), em que seu Chico como é chamado me acompanhou com muita, mas muita paciência junto com sua equipe [..]. Neste momento em que estou finalizando, e entendo ser tão importante quanto o início.

Não poderia deixar de estender meus sinceros agradecimentos aos também gestores, supervisores e professores (as), das escolas: Inah Rego, Anchieta e Odorico Mendes, na cidade de Pinheiro - MA, nas quais concluí todas as etapas de estágios obrigatórios. A todas às gestoras lembro com apreço, porém quero mencionar a diretora do Inah Rego dona Maurina, por ser uma pessoa especial para mim, e que sempre procura agir com integridade e dedicação, sem discriminação, (esta é nossa visão, é claro). E porque Deus lhe deu uma sobrevida no tocante ao Coronavírus, que quase ceifou sua vida em 2021. A ela e aos demais gestores e supervisores nossos agradecimentos e votos de longa vida e muito sucesso.

“A lápide homenageia quem partiu e celebra factos notáveis, a vida e assinala a morte. Um último adeus cravado na pedra.”

(Sara Dias Oliveira)

RESUMO

A presente monografia resultante da execução de um plano de trabalho como bolsista de iniciação à pesquisa (PIBIC/FAPEMA-2020-2021), intitulado Lápides e Epigrafia: significados e representações na Igreja Nossa Senhora do Carmo em Alcântara - MA, cujo objetivo fora realizar um breve inventário acerca das lápides e epitáfios existentes no interior da referida igreja, um recorte do macroprojeto intitulado: Arte Cemiterial: História, Iconografias e Devoções nas Reentrâncias Maranhenses, coordenado pelo Professor Dr. Dimas dos Reis Ribeiro. A proposta de investigar a arte tumular nesta igreja considerou a sua relevância artística, histórica e cultural. A referida igreja foi nomeada simplesmente como igreja do Carmo, edificada por volta do século XVI. De acordo com Caires e Viveiros, a igreja era parte de um conjunto arquitetônico maior e era conjugada ao convento que se encontra em ruínas, bem como o restante do conjunto que servia, segundo o autor, como sede dos carmelitas calçados em Alcântara. A igreja resistiu ao tempo, tornando-se a matriz e está de pé até nossos dias, visitada diariamente por turistas, peregrinos e pesquisadores de várias regiões do Brasil e do mundo, recebendo seu maior público nos feriados, principalmente no 2 de novembro (Dia de Finados). A Matriz do Carmo, como é mundialmente conhecida, magnificamente construída segundo Viveiros, que se refere a ela como um suntuoso templo, certamente não apenas pelos aspectos arquitetônicos permeados por ricos e belos detalhes, mas principalmente por dentro, onde encontram-se as pinturas, iconografias e as lápides, objeto histórico do nosso trabalho, perfazendo um total de 55 lápides e uma urna mortuária inventariadas.

PALAVRAS-CHAVE: História; Lápides; Epigrafia; Igreja do Carmo; Alcântara - MA.

ABSTRACT

The present monograph resulting from the execution of a work plan as a research initiation scholarship (PIBIC/FAPEMA-2020-2021), entitled Gravestones and Epigraphy: meanings and representations in Nossa Senhora do Carmo Church in Alcantara - MA, whose objective was to carry out a brief inventory of the tombstones and epitaphs inside the aforementioned church, a clipping of the macro-project entitled: Cemetery Art: History, Iconographies and Devotions in the Reentrâncias Maranhenses, coordinated by Professor Dr. Dimas dos Reis Ribeiro. The proposal to investigate the tomb art in this church considered its artistic, historical and cultural relevance. The referred church was simply named as Igreja do Carmo, built around the 16th century. According to Caires and Viveiros, the church was part of a larger architectural ensemble and was attached to the convent that is in ruins, as well as the rest of the ensemble that served, according to the author, as the headquarters of the Carmelites shod in Alcântara. The church has withstood time becoming the head office and is still standing today, being visited daily by tourists, pilgrims and researchers from various regions of Brazil and the world, receiving its largest audience on holidays, especially on November 2 (Day of the Dead). The Matriz do Carmo as it is known worldwide, magnificently built according to Viveiros, who refers to it as a sumptuous temple, certainly not only for the architectural aspects that are permeated by rich and beautiful details, but mainly inside, where the paintings, iconographies and tombstones, the historical object of our work, making a total of 55 tombstones and an inventoried mortuary urn.

KEY WORDS: History; tombstones; Epigraphy; Carmo Church; Alcantara - MA.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Nacional

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

FAPEMA - Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista Panorâmica da Igreja do Carmo.....	36
Figura 2: Lápide de José Gomes D' Oliveira.....	38
Figura 3: Lápide do Coronel Gustavo A. Costa Ferreira e seu filho Cássio A. da Costa Ferreira.....	39
Figura 4: Lápide sem inscrições.....	40
Figura 5: Lápide de Thomas Marianno Ferreira Guterres.....	41
Figura 6: Lápide de Francisco de Salles Bastos.....	42
Figura 7: Lápide de Leandro Carlos de Sá.....	43
Figura 8: Lápide do Alferes Joze Antonio Bastos.....	44
Figura 9: Lápide de D. Maria Thereza de Oliveira Mello.....	45
Figura 10: Lápide de José R. G. de Castro.....	46
Figura 11: Lápide de Dr. Pedro José da Silva Guimarães Júnior.....	47
Figura 12: Lápide de D. Anna Raymunda Ferreira Trindade.....	48
Figura 13: Lápide de Antonio Bernardo de Sá Trindade.....	49
Figura 14: Lápide de Domingos Luiz Vianna.....	50
Figura 15: Lápide de João Costa Netto.....	51
Figura 16: Lápide de Agostinho Pereira dos Reis.....	52
Figura 17: Visão geral da parede lateral esquerda da Capela.....	53
Figura 18: Lápide do Capitão Pedro Joze da Silva Guimarães.....	54
Figura 19: Lápide de José Antonio Pereira de Lima.....	55
Figura 20: Lápide de Coronel João Francisco Mendes.....	56
Figura 21: D. Anna Rosa Mendes de Viveiros.....	57
Figura 22: Visão geral da parede lateral direita da Capela.....	58
Figura 23: Lápide do Capitão Manoel Alves Serrão.....	59
Figura 24: D. Anna Benedicta de Viveiros Pires.....	60
Figura 25: Lápide de D. Francisca Eugenia Ferreira e D. Mariana Benedicta Ferreira.....	61
Figura 26: Lápide de D. Leontina Stella Ribeiro Guimarães.....	62
Figura 27: Lápide de D. Maria Thereza Martins do Prado.....	63
Figura 28: Lápide de Dr. Alexandre Jose de Viveiros.....	64
Figura 29: Lápide de Joaquim Jose Souto.....	65
Figura 30: Lápide de Antonio Augusto Correia Guimarães.....	66
Figura 31: Lápide Sem inscrições.....	67
Figura 32: Lápide de Antonio João de D' Azevedo.....	68
Figura 33: Lápide com inscrições danificadas.....	69
Figura 34: Lápide de Virgílio Frederico de Andrade Vellozo.....	70
Figura 35: Lápide de Antonio Manoel dos Reis.....	71
Figura 36: Lápide de D. Mariana de Jesus Ribeiro.....	72
Figura 37: Lápide do Padre Francisco Mariano da Costa.....	73
Figura 38: Lápide do Tenente Joaquim Mariano de Araújo Cerveira.....	74
Figura 39: Lápide de D. Marianna do Rozario de Araújo Cerveira e de D. Anna Luiza de Araújo Cerveira.....	75
Figura 40: Lápide do Coronel Severo Antonio D' Araújo Cerveira e seu neto Severo Antônio Maia Cerveira.....	76
Figura 41: Lápide de D. Etelvina Franco de Sá.....	77
Figura 42: Lápide de Jose João Filgueiras.....	78
Figura 43: Lápide de com inscrições de difícil identificação.....	79
Figura 44: Lápide de D. Anna Jacinta Mendonça Reis.....	80

Figura 45: Lápide de D. Roza Alves Martins.....	81
Figura 46: Lápide de D. Maria José Rodrigues Netto.....	82
Figura 47: Lápide do Tenente Coronel Manoel GLZ de Sá.....	83
Figura 48: Lápide de Engracia R. Martins.....	84
Figura 49: Lápide de José Tietri de Carvalho.....	85
Figura 50: Lápide de Maria Eugenia do Rosario.....	86
Figura 51: Lápide com inscrições totalmente apagadas.....	87
Figura 52: Lápide do Comendador José Maria da Costa Ferreira.....	88
Figura 53: Lápide com inscrições totalmente apagadas.....	89
Figura 54: Lápide de Luis Alfredo P. Guterres.....	90
Figura 55: Lápide de D. Luzia Rosa Lobato.....	91
Figura 56: Urna ossuária do Coronel Antônio Celestina Ferreira de Moraes.....	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	21
3 OS SEPULTAMENTOS NA IGREJA DO CARMO EM ALCÂNTARA.....	27
3.1 AS LÁPIDES QUE CONTAM HISTÓRIA.....	32
4 INVENTÁRIO DAS LÁPIDES NO PISO DA NAVE CENTRAL DA IGREJA DO CARMO EM ALCÂNTARA – MA.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICE.....	98

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia é resultante do plano de trabalho intitulado **Lápides e Epigrafia: significados e representações na Igreja Nossa Senhora do Carmo em Alcântara - MA**, realizado como bolsista do programa de Iniciação Científica, PIBIC- FAPEMA, no período 2020 – 2021. Constitui-se em um recorte do Projeto de Origem: **Arte Cemiterial: História, Iconografias e Devoções na Baixada Maranhense**. A escolha desse tema, dentre outros planos de trabalho que se realizou no âmbito do PIBIC com o Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi e no Programa Foco Acadêmico Pesquisa sob a orientação do Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, foi sendo potencializado desde o primeiro período como licenciando em Ciências Humanas com habilitação em História, nesta instituição, (UFMA), sediada na cidade de Pinheiro - MA, iniciado no último semestre de 2015. Em uma de suas aulas de História, o professor Dimas, ao nos falar sobre a importância das fontes de memórias históricas, deu maior destaque ao “Cemitério”, como sendo uma fonte infalível. O Cemitério para o professor Ribeiro (2016), em “cemitérios sem mistérios”, é denominado como: “a cidade em miniatura” e a “síntese ou resumo da sociedade”. Os cemitérios, são realmente sem mistérios, como diz o Dr. Dimas, são, porém, na verdade, locais de encontros sociais, de comemorações e até de negócios e de se fazer contratos.

Atualmente vêm se tornando pontos turísticos. Assim como vieram a se tornar as igrejas construídas entre os séculos de XVI ao XIX, e que também foram sendo transformadas em locais de sepultamentos, como por exemplo a Igreja Nossa Senhora do Carmo em Alcântara – MA, em cujo interior encontra-se um acervo incontestável das mais variadas peças, símbolos e iconografias da arte tumular. Está aí a razão que leva muitas pessoas a procurarem as igrejas e os cemitérios: os pesquisadores e historiadores, em seu propósito da profissão; os peregrinos em grande número para cumprir suas devoções; ao longo dos tempos esses locais são procurados também como lugar para recreação, passeio e até para descanso do “meio-dia”. entre elas estão os historiadores e pesquisadores juntando-se com os demais na contemplação do singular acervo dessa Matriz, herança dos tempos de um Brasil Colônia. Essa tendência atual (de visitar locais sagrados) faz nos recordar o que diz a Maria Elizia Borges (2017) “a palavra cemitério deriva do antigo latim e significa o lugar que eu durma. O dormir que o texto está se referindo, é uma referência análoga à morte, pois esse termo era muito entre os antigos mais especificamente na literatura sagrada do povo hebreu; termos como “A menina dorme”, não está morta, e “Lásaro nosso amigo dorme” (JESUS, Bíblia, NT, Evangelhos,) Porém este

trabalho apontou uma nova atitude diante do morto e do local destinado a ser sua derradeira morada. Em lugar do medo e da superstição, a contemplação.

De início ressalta-se, que a proposta era conciliar os dois planos de trabalho **Pessoas reconhecidamente ilustres sepultadas no Cemitério Santo Inácio de Loyola em Pinheiro - MA, e Lápides e Epigrafia: significados e representações na Igreja Nossa Senhora do Carmo em Alcântara - MA**, na esperança de que essa empreitada fosse possível, por se tratar de temas semelhantes e pertencentes a uma mesma temática: a igreja e o cemitério, que nesse nosso trabalho está na condição de campos de pesquisa, como sendo locais de enterramento. Portanto, por tratar-se de um trabalho monográfico optou-se metodologicamente pelo inventário das lápides e epitáfios dos sepultamentos realizados na histórica Igreja do Carmo de Alcântara. Os sepultamentos dos corpos é uma prática dos humanos herdadas dos povos desde da antiguidade e eram realizados em cemitérios, alguns próximos e outros distantes das moradias. Para Coulanges, 2009, os mortos não tinham nenhum privilégio por pertencerem a determinada classe social, porque: [...] tinham por eles a veneração que o homem pela divindade que ama ou teme. Em seu pensamento cada morto era um deus. Essa espécie de apoteose não era o privilégio dos grandes homens; não se fazia distinção entre os mortos (Coulanges, 2009, p. 30) como veio a acontecer nas igrejas cemitérios católicos onde:” O futuro defunto, ainda em vida, em seu testamento, planejava a forma de sepultamento.

Na verdade, cemitérios e igrejas, a partir da era cristã, vem sendo palcos de um certo revezamento, no que concerne aos cuidados do homem em preservar a memória dos seus mortos. Como diz Reis 1991, ” o local de sepulturas era um aspecto importante da identidade do morto. Falar de funeral incluía sempre dizer quem era o morto, quando tinha morrido e onde fora enterrado [...] (Reis, 1991, p. 190 – 191) esse texto de Reis, mostra uma das principais preocupações do homem, ao longo de sua existência, manter viva a memória dos entes queridos. Dizer onde está ou onde estão sepultados os mortos, além de preservar e zelar por esses locais, parece ser uma preocupação tão antiga quanto o próprio ser humano. Por exemplo, as narrativas do livro sagrado do povo hebreu trazem um relato sobre um personagem emblemático de nome Abraão, que, segundo o texto, teria comprado uma propriedade dos filhos de Hete para sepultar sua esposa Sara. Tomando como base o que disse Reis sobre o local do enterro, certamente Abraão, como todos os humanos desde os tempos imemoráveis, passando pelos egípcios, árias, gregos e romanos. Todos esses povos da antiguidade tiveram a mesma dedicação para com os seus mortos; curiosamente esse zelo e cuidado, é demonstrado pelos nativos da América. O Brasil, por exemplo, ocupado por centenas de povos indígenas (com seus costumes e culturas),

chamados de índios pelos europeus, sendo que alguns deles sepultavam seus entes queridos em vasos de cerâmicas, considerados como urnas funerárias (BRANDI e BANDEIRA, 2014).

Os povos nativos da América, como os povos da Mesopotâmia, da Grécia, de Roma e do Egito, deixaram para nossas gerações leis, hábitos, culturas, costumes, rituais e devoções, tanto da vida cotidiana como para do pós-morte. Sobre os rituais e costumes com relação aos mortos, os autores citam pelo menos um exemplo de uma cerimônia de sepultamento de uma tribo Tupinambá, transcrita assim: relato do Padre Ives D'Evreux, em 1612, sobre o sepultamento de um Tupinambá, em livro *Viagem ao norte do Brasil*.

Fazem depois um buraco fundo e redondo em forma de poço, convenientemente grande; assentam o morto sobre os calcanhares, conforme é o seu costume, e, descendo docemente ao fundo, acomodando ao redor dele a farinha, a água, a carne, o peixe, e ao lado de sua mão direita, a fim de poder pegar em tudo facilmente; do outro lado, arrumam os machados, as foices, os arcos e as flechas. Ao lado dele fazem um buraco, onde acendem fogo com lenha bem seca a fim de não se apagar, e despedindo-se dele o incumbindo de dar muitas lembranças a seus pais, avós e amigos, que dançam além das montanhas dos Andes, para onde julgam que vão todos depois da morte (BRANDI E BANDEIRA, 2014, p. 18).

Conforme a narrativa acima, as formas de sepultamentos dessa tribo são bastante diversificadas, porém possuem suas singularidades, como também algumas similaridades com os outros povos ditos civilizados, especialmente no que se refere às crenças sobre a vida física após a morte. Embora a população nativa fosse em número de milhares de pessoas espalhadas pelo Brasil, cada povo possui sua própria cultura. Outro exemplo é uma tribo do sul do país, os Kaingang, que habitam a região de Chapecó/SC (EMILIANO; MARTIN; PEREIRA, 2019). Segundo os autores, quando um índio dessa tribo falece é enterrado imediatamente, deitado com seu machado, arco, flechas, etc.; esse estilo de sepultamento é conhecido como pirâmide de terra e diz ainda que o morto é colocado em uma cova superficial, forrada e coberta com madeira e terra na parte superior, até formar uma espécie de pirâmide cônica. Após fazerem a sepultura, os índios se reúnem em torno do “fogo” para beber o *kiki*, cantar e dançar as ações do morto. A duração do rito dependia da importância do morto na tribo.

De acordo com Brandi e Bandeira, entre esses povos nativos americanos, havia também o costume de sepultar os mortos em vasos de cerâmicas que eram suas urnas funerárias ou mortuárias (BRANDI e BANDEIRA, 2014, p. 49). Os rituais, os símbolos e figuras dos relatos sobre os costumes e formas de sepultamentos praticados pelos indígenas das américas, especialmente as do Brasil, dialogam com as narrativas sobre os mesmos rituais fúnebres legitimados tanto no catolicismo romano, como em outras religiões cristãs e até nas de matriz africana. Por exemplo, os textos acima fazem referência às urnas ou vasos de cerâmica que

eram usados para sepultar os mortos, e em nossa pesquisa encontramos uma dessas, na entrada da capela do Senhor dos Santos Passos (Figura 55).

Vale ressaltar que este estudo não tem a intenção de aprofundar-se em detalhes mínimos sobre cemitérios ou igrejas, por serem temas muito extensos e por este trabalho ser de caráter monográfico, dando atenção no momento aos objetos históricos, nomeados no último plano de trabalho **Lápides e Epigrafia: significados e representações na Igreja Nossa Senhora do Carmo em Alcântara - MA**, objetivo principal é lançar um pouco mais de luz sobre um assunto já pesquisado e que vem ao longo das últimas décadas, fazendo parte de teses, artigos e dissertações, objetivando compreender os significados e representações, bem como conhecer e reproduzir conhecimento, memórias gravadas na pedra, nos túmulos e lápides, mais adiante falar detalhadamente sobre as lápides da Igreja do Carmo. Na referida igreja, teve-se como prática fazer um inventário das lápides e suas respectivas epígrafias, lembrando ser aquele e este os objetos históricos deste trabalho. Antes de dar prosseguimento é dever desta escrita fazer um breve resumo descritivo sobre a igreja, local onde ocorreram as pesquisas das quais estamos celebrando os resultados. Que será ora apresentado em quatro capítulos e um subcapítulo com os temas de forma resumidas por se tratar de um trabalho monográfico, e como já foi dito usando o método de inventários. Para tanto viemos lembrar que o conteúdo inicial deste trabalho é introdutório, e tratou da caracterização do projeto, bem como das informações essenciais e fundamentais: as motivações, as origens das fontes, o campo de pesquisa, e o objeto histórico; o tema e a temática abordada neste projeto.

O capítulo 2, por sua vez trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, a qual traçou como objetivo a investigação da arte tumular e a epigrafia na igreja do Carmo em Alcântara - MA, o capítulo demonstrará também modo como o trabalho transcorreu. O capítulo 3, com o título, os sepultamentos na igreja do Carmo em Alcântara - MA, vem renovar o histórico legado dos patrocínios e instituições capacitadoras e orientadoras; e sintetizar como neste trabalho buscou-se compreender através da observação e análises dos epitáfios, dos símbolos e iconografias, e as devoções. E é a partir dos Símbolos, que se identifica a qual gerações pertenceu cada fonte de memórias, seja ela material ou imaterial, sabe-se que pertenceu alguma sociedade humana, porque: “O homem é o único animal capaz de simbolizar” (Ribeiro, 2006, p. 11). A memória, portanto, é uma propriedade exclusiva do homem como ser consciente é, ele deixa sua marca na história na medida em que ele mesmo faz a História. O subcapítulo, 3.1, vem abordar o título deste, Lápides que contam histórias: faz um resumo sobre o lugar dos mortos na igreja do Carmo em Alcântara - MA. As histórias contadas pelas lápides ou melhor, as histórias contadas nas lápides, podem ser lidas e compreendidas de várias maneiras. É neste

ponto que apresentaremos alguns exemplos de histórias “retidas na pedra” (BASTIANELLO, (2016), “A memória retida na pedra”, é uma referência ao título da obra da autora acima. O subcapítulo também traz as datas mais antigas, e as mais recentes, e seu quantitativo e condições de preservação, entre outras informações pertinentes. No 4º capítulo, vamos encontrar as 55 lápides e a urna funerária ou ossuário que catalogadas no decurso deste trabalho. Vale ressaltar que todas as imagens contidas na extensão do capítulo, foram feitas *in locus* nos momentos das visitas, por essa razão poderá ser observada a incidência de sombras, como poderá aparecer certas divergências no que diz respeito ao quantitativo. Porém a despeito de possíveis alterações, as imagens que compõem este capítulo, vem de certa forma complementar o capítulo anterior, que tratou da História, este por sua vez vem ilustrar o que ali foi expresso.

2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Dentre os inúmeros desafios traçaram-se como objetivos da pesquisa investigar a arte tumular e a epigrafia na Igreja do Carmo em Alcântara; dar continuidade ao resgate da História dos Cemitérios dentro das Igrejas, reafirmando a importância de sua preservação; compreender a transposição das crenças e devoções da vida cotidiana (cidade dos vivos) para as Igrejas/Cemitérios (cidade dos mortos) e investigar os significados e as representações epigráficas existentes na Igreja do Carmo em Alcântara.

O estudo da morte dentre outros temas diversificados presentes na historiografia moderna, só foram possíveis a partir dos trabalhos produzidos pela Escola dos Annales que por meio de sérios debates impulsionou novos questionamentos na década de 20, do último século sobre temas que já iam caindo no descaso, como por exemplo, o estudo sobre as representações da morte. E foi este fato que abriu novas trilhas ao pesquisador/historiador, a capacidade de enveredar por meio de novas abordagens, no contexto da Nova História, nosso estudo procurou abordar como tema a memória histórica nos epitáfios das lápides. E afim de proporcionar aportes teóricos a este trabalho buscou-se referências do pensador francês Maurice Halbwachs (1887-1945). Conforme diz em artigo “Lembrar dos Mortos” - “foi um notável pensador francês, cujas ideias se destacam-no campo da psicologia e das Ciências Sociais. [...]” a obra póstuma do autor composta de quatro capítulos: Memória individual e Memória Coletiva; Memória coletiva e Memória Histórica; A Memória e o tempo; e por fim A Memória coletiva e o Espaço.” (Artigo, Lembrar dos Mortos, ano 2021). Como base para melhor fundamentar este estudo, Phillipe Ariès, em seu Clássico livro O homem diante da morte (2014) faz uma investigação sobre a morte e suas variadas representações na Idade Média e tanto mais. Por sua vez Michel Vovelle é outro precursor dos estudos sobre a morte e sobre o morrer nas sociedades contemporâneas, de suas as que são de interesse para nosso estudo são imagens e imaginários na Outro é Fustel de Coulanges, na obra A Cidade Antiga, Estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia de Roma. O autor aborda a necessidade de estudar as mais velhas crenças dos antigos com o objetivo de conhecer suas instituições, neste trabalho estão reunidos dois povos da antiguidade, os Gregos e os Romanos como objeto de sua pesquisa, o trabalho tem formato de uma coletânea composta por várias histórias, tratando dos mais variados temas relacionados com o homem tanto na vida como na morte; Elaine Maria Tonini Bastianello, com sua bela obra “A memória retida na pedra”: A história de Bage inscrita nos monumentos funerários (1858-1950). Esta obra é na verdade um catálogo de belíssimas estruturas funerárias em mármore, constituindo -se num imenso quadro da Arte tumular e revela por sua organização

o zelo que a cidade dos vivos tem para com a cidade dos mortos, essa obra traz também um exemplar modelo de inventário, - por essa razão ela é indispensável como referência para trabalho como o nosso; a autora Maria Elizia Borges (1991) especificamente em sua tese ARTE TUMULAR: a produção dos marmoristas da primeira República. Busca em seu trabalho resgatar as memórias da cidade de Ribeirão Preto, partindo da arte de tumular e suas manifestações artísticas, que foram produzidas pelos marmoristas locais, os chamados “artistas-artesãos”, nos quais, traduzem os gostos coletivamente. Para tanto, o autor Dimas dos Reis Ribeiro, em sua obra intitulada: Cemitérios sem mistérios: a arte tumular do Sul de Minas - 1890 a 1925 - região dos Lagos de Furnas. O estudo obteve dados históricos, de 31 cidades pesquisadas, com um acervo de imagens ricas, que possui túmulos e seus respectivos cemitérios, portais de entradas, seção de anjos, cruzes e santos. Já a autora Claudia Rodrigues (1997), em seus livros: Lugares dos mortos na cidade dos vivos e Nas fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro séculos XVII e XIX, relata o discurso higienista e fim dos sepultamentos da igreja e fatores que contribuíram para a “expulsão dos mortos da cidade dos vivos”, sendo um deles o fator médico.

Na perspectiva da História Cultural utilizou-se como métodos leituras de livros, jornais e revistas, conversas com familiares e pessoas que tiveram contato direto com os entes falecidos, obtenção de fotos que retratam imagens dos feitos e da vida cotidiana. Tendo como ponto de partida a epigrafia, descobrir se deixaram herdeiros e como eram constatados pela família, onde nasceram, moraram e como viveram. Como faleceram, como transcorreram seus velórios e traslados, onde e em que situação se encontram suas sepulturas e demais representações.

Portanto, a fim de alcançar tais objetivos, esta pesquisa utilizou os métodos de trabalho de campo, entrevistas e análise das imagens. Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada no período de 12 meses, e nos foi de valiosa importância a análise das imagens, que muito contribuíram com o entendimento dos significados dos registros feitos durante a visita ao local da pesquisa, onde se encontram as lápides e parte do inventário realizado.

A metodologia utilizada neste trabalho está respaldada nas orientações sintetizadas por Elisiana Trilha Castro (2014) e Elaine Maria Tonini Bastianello (2016). Segundo Bastianello (2016) o inventário segue na seguinte ordem:

as fichas de identificação informam a família e a etnia a que foi originalmente dedicado o monumento, a localização do túmulo no inventário e, finalmente, as datas do primeiro e último sepultamento, conforme os dados colhidos na época da pesquisa (Bastianello, 2016, p.146).

A identificação, bem como as informações sobre a família e sua origem, com certeza são fundamentais para os pesquisadores e leitores interessados. Neste sentido, Eliziana Castro reafirma que o inventário, por si só, cumpre importante função de identificar o bem e disseminar informações acerca do seu caráter [...] que conjuntamente com a formação de bancos de imagens tem valor documental [...] (CASTRO, 2014, p. 14).

Este trabalho encontra sua justificativa no atual contexto da Nova História, sobre as narrativas referentes ao imaginário católico/cristão Ocidental, a partir do século XVIII.

Como metodologia este estudo constituiu-se em pesquisa de campo, coleta de imagens do local pesquisado e levantamento bibliográfico. Nesse intuito, o trabalho analisou e discutiu as lápides e os significados das imagens e epígrafias encontradas na Igreja do Carmo. Portanto, observou-se que elas proporcionam aos visitantes da Igreja do Carmo o conhecimento sobre as representações da morte e do morrer nessa localidade. As imagens representadas na pedra das lápides conseguem transmitir pistas para o historiador sobre o passado das pessoas sepultadas, como também, propiciar reflexões sobre as relações sociais em que faziam parte. Na maioria eram pessoas que ocupavam posições de poder e que após a morte continuam sendo revisitadas e imortalizadas na memória dos familiares e dos visitantes.

Os cemitérios, pensados popularmente como lugares “sagrados” ou “campos santos” não é uma atribuição essencial destes locais, vez que os cemitérios historicamente nem sempre foram considerados lugares “santos”, por vezes ao longo das épocas os cemitérios eram usados apenas como locais de encontro comunitários, de forma que além de servir para o enterro de corpos, também se realizavam feiras e atividades sociais. Nestas ocasiões, por exemplo, os enterros e a “visita” aos mortos serviam de pretexto para a realização de reuniões de negócio, convívio social, contratos de casamento e festividades profanas (CHIAVENATO, 1998).

Ao dissertar acerca dos sepultamentos e as representações de poder pensadas sobre os indivíduos cuja lembrança ali está, buscou-se identificar os simbolismos criados em torno dos vistos e dos esquecidos. Os vistos fazem parte da elite de uma época, cujo predomínio constituiu-se de influências religiosas, econômicas e, sobretudo, políticas. Nessa perspectiva, é importante destacar que a significação do sagrado atribuído aos sepultamentos nas igrejas não é desde sempre sinônimo deste valor, porque a forma de encarar os sepultamentos nos cemitérios se desvincularam do solo das Igrejas.

os cemitérios eram apenas para protestantes, para pagãos e para escravos: raramente para quem fosse católico e pertencente à nobreza rural ou à burguesia patriarcal. A gente senhoril era enterrada nas igrejas. Nas igrejas, nos conventos e nas capelas particulares (FREIRE, 1977, p. 112).

Nessa perspectiva, segundo a Revista de Estudos Alcantarenses (2015) a ruptura drástica operada no Ocidente em torno da morte na segunda metade do século XVIII estendeu-se a meados do século XIX, de modo que, ritos, gestos e costumes foram substituídos ou desapareceram. Isso porque, “[...] a concepção sobre os cemitérios se inverteu: de início local socialmente repudiado, destinados aos desvalidos, desterrados, escravos abandonados, eles se tornaram o destino preferencial dos mortos” (p. 30).

Segundo Borges (2017, p.179) o cemitério é uma palavra de origem grega que significa “eu durmo”. Além disso, consiste no espaço do morto remetendo-se ao Cristianismo. Com isso, conforme Loureiro (*apud* BORGES, 2017, p. 179): “o local do cemitério passou a ter sentido próprio: campo de descanso após a morte, onde se esperava a ressurreição, quando soar a hora do juízo final”. De acordo com Borges (2017, p. 179), “a ideia de ressurreição incentivava a necessidade da conservação do corpo em local espaçoso e simples como o cemitério”.

Apesar de ser pensado como um lugar assustador, o cemitério não possui essa característica supersticiosa, mas é essencialmente o lugar próprio do “dormir” ou do descanso eterno. É o espaço, cuja arte produz o sentimento do luto, e onde se evocam as lembranças dos mortos. Neste ponto, pode-se perceber a memória como objeto da relação de significação própria da arte tumular. Por outro lado, ser sepultado nas igrejas era um passo a mais rumo à salvação da alma.

A memória enquanto objeto social de investigação é objeto recente de estudos no campo das Ciências Humanas. Antes do século XX consistia em investigação individual e psicológica, centrada nas áreas da Filosofia, da Neurociência e da Psicologia. Este retrato muda com Maurice Halbwachs (1887 – 1945), filósofo e sociólogo francês, cuja interpretação da memória permeia a ideia do conceito de memória coletiva, ou seja, toda forma de compartilhamento de imagens e sentimentos agregados as significações materiais do espaço, pois para Halbwachs (1990, p. 143): “[...] não há memória que não se desenvolva num quadro espacial”.

O conceito de quadro social da memória é relevante para a significação do cemitério, pois ele retrata a fotografia do luto é:

Por que nos apegamos aos objetos? [...] nosso entorno material leva em simultâneo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembra-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro (HALBWACHS, 1990, p. 131).

Estudar as lápides existentes na igreja do Carmo em Alcântara - MA, foi um despertar de uma visita quando estávamos realizando uma atividade acadêmica no ano de 2018. O evento nessa cidade nos proporcionou uma marcante visão do que vem a ser a bela paisagem

histórica/cultural, que faz parte do patrimônio histórico brasileiro desde (1948), e é em um de seus conjuntos arquitetônicos do século XVI, que está inserida a igreja do Carmo (portal do IPHAN, e VIVEIROS, 1977). Essa visão, como foi dito, nos estimulou neste projeto de conhecer um pouco mais sobre tão importante marco histórico de séculos passados, como se constitui a cidade de “pedras” ALCÂNTARA - MARANHÃO.

Para tentar alcançar tal objetivo, nos debruçamos sobre vários autores de referência sobre o tema deste trabalho, por entendermos ser de extrema relevância para dar suporte teórico a esta escrita. Para tanto, faz-se oportuno lembrar que o lugar de fala são respectivamente as cidades de Alcântara e de Pinheiro, ambas estão bem situadas como portais principais de entrada da Baixada Ocidental Maranhense, e abre-se como leque de oportunidades a historiadores experientes, ou iniciantes, como é o nosso caso, mas, a despeito disto, temos pela frente uma grande e laboriosa tarefa: investigar a arte tumular e a epigrafia na igreja Nossa Senhora do Carmo, assim como de início nos coube o mesmo encargo sobre o Cemitério Municipal de Santo Inácio de Loyola em Pinheiro - MA.

Como foi dito antes, vale ressaltar neste ponto que, sobre o quesito sepultamento, tem havido, ao longo de milênios, alternâncias quanto aos locais destinados para as inumações, bem como nos ritos e costumes fúnebres. Essas alterações ocorreram de tempos em tempos, como também de uma sociedade para a outra, conforme deixam claro alguns dos autores consultados. Por exemplo, no período Clássico, tanto da Grécia como da Roma Antiga, embora o Cemitério já existisse entre esses povos (Coulanges, 2009) eles não eram exatamente como os que viriam a ser construídos sob as orientações cristãs, porque para os povos e civilizações anteriores ao cristianismo, pelo menos no Ocidente, o Cemitério e os mortos eram considerados em concepções bem diferentes das dos cristãos, embora possuam similaridades e semelhanças, principalmente nos ritos fúnebres e nas crenças na continuação da vida além-túmulo.

Os túmulos para os povos eram tidos em tão grande grau de referência que ficavam na entrada das propriedades, e eram considerados um local sagrado (equivalentes a um ambiente santo) por sua vez, os mortos eram venerados como “deuses” conforme (COULANGES, 2009) e (BORGES, 2017) segundo a autora, os Cemitérios, ou melhor *Komiterium* (em latim), esse termo significa: o lugar que (eu) durmo. Para Fustel (2009) o homem da Grécia e Roma antigas temiam mais ficar sem a sepultura do que a própria morte (Coulanges, 2009, p. 27). Nesses tempos, o que mais influenciava a práticas dos ritos, era o “medo”, apesar de os Cemitérios ou lugares de sepultamentos existirem muito séculos antes de Cristo, portanto, muito antes que as igrejas, conforme aponta Barbosa (2013). Cumpre lembrar o que diz o mesmo Barbosa (2013), citando Júlio José Chiavenato (1998), afirma que os Cemitérios nem sempre foram lugares

sagrados ou “Campos Santos”. Durante muito tempo foram locais de encontros comunitários, onde, além de enterrar os mortos, realizavam-se feiras e atividades sociais.

O enterro e a “visita” aos mortos serviam de pretexto para realização de negócios, convívio social, contratos de casamento e festas profanas (Barbosa, 2013, *apud*, CHIAVENATO, 1998). É só a partir do século XVIII, segundo ARIÈS (1998), que os cemitérios começam a ganhar o aspecto de “campos santos atuais” (ARIÈS, 1998). Partindo do pressuposto de que os locais como cemitérios nem sempre foram sagrados, e não eram considerados “santos”, fica aberta uma fenda no muro das fortalezas dogmáticas, por onde as luzes da historiografia moderna penetraram, trazendo a lume as razões históricas para justificar os sepultamentos nas igrejas, como demonstrou Philippe Ariès (1981), segundo ele, “sobreviveu por muitos séculos uma relação de proximidade com os mortos, a partir do século V da era cristã”.

Ao se referir a antiga proximidade entre vivos e mortos, está se referindo às formas de religiões e culto aos mortos que eram prática comum na antiguidade greco/romana, aponta Fustel de Coulanges (2009), em *A cidade Antiga*, entretanto, é Ariès por sua vez traz mais esclarecimentos sobre as eventuais migrações dos sepultamentos, dos lugares que eram realizados no passado greco/romano (*A Cidade Antiga*, 2009), para as proximidades e em seguida para o interior das igrejas. Conforme ele afirma, neste processo foi fundamental a disseminação da crença na necessidade de dar um destino adequado aos corpos para assegurar a bem-aventurança das almas, primeiro alocando-os próximos às relíquias de santos, depois no interior das igrejas (ARIÈS, 1981, p. 34 – 35).

De acordo o exposto, este trabalho pode encontrar justificativa no trato com as Lápides e túmulos tanto no cemitério de Santo Inácio como na igreja de Nossa Senhora do Carmo. Para possibilitar o estudo das epígrafias, o legado deixado pelos antigos, desde O homem Neandertal a mais cem mil anos (BARBOSA, 2013 *apud* CHIAVENATO, 1998), passeando pelos euros/asiáticos (COULANGES, 2009), neste Fustel relata uma forma de registro deixada pelos, árias e pelos gregos e romanos, que serviu de parâmetros para o estudo das lápides, quando diz que escreviam sobre o túmulo do homem que ali repousava; expressão que sobreviveu a essas crenças e que de século em século chegou até nós. Ainda a empregamos, embora decerto ninguém mais pense que um ser imortal repousa num túmulo (COULANGES, 2009, p. 25) conforme os autores já citados, o homem sempre priorizou o ato de sepultar seus mortos; e quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, e a igreja católica passou a administrar a vida e a morte (ARIÈS, 1981).

3 OS SEPULTAMENTOS NA IGREJA DO CARMO EM ALCÂNTARA

Esse capítulo é fruto da pesquisa realizada como bolsista de iniciação científica (PIBIC) patrocinada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Maranhão (FAPEMA), por isso apresentamos os resultados obtidos através do Plano de Trabalho intitulado **Lápides e epigrafia: significados e representações na Igreja Nossa Senhora do Carmo em Alcântara - MA**, quando pudemos investigar a arte tumular na igreja Matriz de Alcântara, conhecida por turistas e devotos locais pela sua relevância artística e histórica. Cabe ressaltar que este plano de trabalho foi um recorte do macroprojeto intitulado: Arte Cemiterial: História, Iconografias e Devoções nas Reentrâncias Maranhense, coordenado pelo orientador Professor Dr. Dimas dos Reis Ribeiro. Sabemos que o resgate da História de uma cidade reconhecida como um dos patrimônios arquitetônicos e paisagísticos do Brasil, no entanto, boa parte desse patrimônio se encontra em ruínas. Por outro lado, esse estudo também teve a intenção de contribuir para a produção historiográfica da cidade por um viés pouco explorado, as representações da morte.

O presente relatório de pesquisa é um recorte do macroprojeto de pesquisa intitulado Arte Cemiterial: História, Iconografias e Devoções nas Reentrâncias Maranhenses. O trabalho tem por base a epigrafia, ou seja, o estudo das inscrições lapidares em monumentos históricos, nesse caso específico, trata-se das lápides na igreja do Carmo¹ em Alcântara - MA². A partir disso, buscou-se compreender as representações da vida e da morte através de seus túmulos, lápides, epitáfios, iconografias e devoções expressas no solo ou parede da referida igreja. As lápides são símbolos da morte e da vida podem ser retratados na superfície da lápide.

Através dessas representações da morte, as pessoas inumadas na igreja continuam sendo revisitadas na memória dos que buscam conhecê-la ou frequentam em ocasiões de missas que ocorrem todos os domingos ou em datas festivas, como por exemplo, o festejo do Divino. Essas pessoas anônimas ou ilustres, para todos ou para alguns, ao menos algumas distinções ainda preservam, mesmo porque nunca deixaram de ser lembradas, estão imortalizadas nos registros de nascimentos, casamentos, óbitos, túmulos, fotografias etc.

O presente estudo foi realizado em Alcântara - MA, mais precisamente na Igreja Nossa Senhora do Carmo. A referida cidade é um dos patrimônios arquitetônico e paisagísticos do Brasil, se constituindo em um grande museu ao ar livre, onde se fundem ruínas e construções

¹ Sobre a igreja do Carmo como é mais conhecida, escolhida como lócus para esta pesquisa VIVEIROS (1977) a descreve como uma das construções mais antigas da cidade, construído ao lado do convento de Nossa Senhora do Carmo.

² O Conjunto arquitetônico de Alcântara foi erigido em Monumento Nacional, determinado pelo Decreto nº 26.077, de 22/12/48.

do período colonial bem conservados em contraste com as transformações da cidade, como bancos, letreiros e vitrines de comércios e lojas atuais. A exuberante beleza natural de Alcântara, é encantadora e complexa tanto quanto sua História, segundo (VIVEIROS, 1977). Alcântara, antes chamava-se Aldeia Tapuitapera, e que ela precedeu São Luís, capital do Maranhão, o autor descrevendo os primórdios de Alcântara em contrastes com São Luís:

Ainda se revestia de frondosa mata, o local se teria de levantar esta capital e já Alcântara, com o nome significativo de Tapuitapera (terra dos Tapuios), era uma grande aldeia de Tupinambás. Neste período a sua história perde-se nas noites dos tempos. Os seus cronistas só aparecem a partir do século XVII (VIVEIROS, 1977, p.115).

Ainda segundo Viveiros (1977), os Tupinambás ou Tapuios, se tornaram amigos e colaboradores dos Franceses, que já ocupavam o Maranhão naqueles tempos, portanto antes da conquista do Maranhão pelos portugueses e espanhóis, Alcântara já havia sido ocupada por franceses que ali firmaram trato de colaboração e amizade. Desta relação/interação, houve pelo menos um fato que muito interessou a esta pesquisa, foi o batismo de um nativo e a construção de uma capela, que autor narra assim: “iniciada desta maneira as relações de amizade, não demorou a ser batizado o primeiro tapuitapense, recebendo o nome de Martinho Francisco. Na sua taba erigiu-se a primeira capela [...] e certo, lá foi celebrada a primeira missa em terra de Alcântara” (VIVEIROS, 1977, p. 17). A partir dessas informações deduzimos ter tido início a grande demonstração de religiosidade, o que vai só aumentar com a conquista do Maranhão pelos portugueses e espanhóis.

Vale lembrar que o Maranhão só foi oficializado como Estado em junho de 1621, conforme a Carta Régia de 13 de junho de 1621, enquanto os franceses ocuparam tanto a ilha grande (São Luís), como Tapuitapera e região, de 1612 a 1616³, sendo logo expulsos pelos portugueses que trataram de dar continuidade ao projeto não só de colonização como também da consolidação da fé católica, construindo conventos e suntuosos templos, e um deles é ainda hoje a Igreja do Carmo, onde estão as lápides, objetos desta estudos.

Aos historiadores cabe o papel de resgatar a História através das práticas, costumes e representações. Os sujeitos históricos que tiveram em vida, sonhos, aspirações, crenças, deleites e que como ser humano que foram, nessa única oportunidade de ser e de estar, não foram piores ou melhores do que cada um de nós. Nesse sentido, a epigrafia pode nos revelar às crenças, sentimentos, perspectivas, reflexões e o valor significativo e primordial da vida para a História. Sendo assim, o presente trabalho contribuirá com os estudos sobre a arte tumular, as devoções,

³ Período da ocupação francesa, denominada França Equinocial.

os cemitérios, os sepultamentos ocorridos nas igrejas, as narrativas da História, a manutenção da memória, o reviver e o perpetuar das expressões, dos significados e das representações da morte e do morrer nos séculos XIX ao XX. Quando houve intensa campanha impulsionada por um discurso médico-higienista (RODRIGUES, 1997). De acordo com os textos acima, o discurso teve início na Europa, encontrando seu palco maior na França e Inglaterra, como protagonista de ideias políticas e comerciais.

Por outro lado, esse estudo é importante para a ciência histórica por se comprometer com o resgate da História de uma cidade reconhecida como um dos patrimônios arquitetônicos e paisagísticos do Brasil, no entanto, boa parte desse patrimônio se encontra em ruínas. Por outro lado, esse estudo também tem a intenção de contribuir para a produção historiográfica da cidade por um viés pouco explorado, as representações da morte. Visto que a morte para Reis (1991), é um elemento que causa ruptura após a desordem. Compreender suas expressões e significados simbolizados nos túmulos e monumentos funerários vem sendo a ocupação de pesquisadores modernos.

Esta pesquisa propôs um estudo das lápides encontradas na igreja do Carmo em Alcântara, onde também encontramos duas preciosas portas, uma que dá acesso ao átrio, e a outra que servia só ao convento com escudos talhados. Os púlpitos que decoram seu interior são de estilo joanino e a pia da sacristia em pedra de lioz data do século XVII, com tratamento erudito dos ornamentos, foi importada de Portugal (IPHAN). Acrescenta (VIVEIROS,1977) que:

o claustro é um vasto quadrilátero de galerias com arcadas romanas, magnificamente construído; a igreja, suntuoso templo trabalhado no estilo manuelino. Aí viviam, conforme informa Frei André Prat, oito religiosos sacerdotes, dois coristas e três leigos, comunidade que se mantinha com a renda de 633\$257, que lhe davam as suas fazendas de Pericumã, Tubarão, e Guaçú ou Cumã, e mais 201\$500, produto da sacristia. A estes frades estava entregue a administração de uma aldeia de índios em Turiaçú (VIVEIROS,1977, p.36).

Conforme os relatos acima sobre esse magnífico templo, ele preserva imagens, epígrafias e símbolos do imaginário católico/cristão dos séculos passados, constituindo-se em fonte de memória riquíssima em detalhes, expostas a todo tipo de pesquisa. E em meio a todo esse imenso mosaico de formas e cores, estão as lápides, como representatividade de gerações, contendo preciosas informações históricas.

Conforme supracitado, as inscrições existentes nos túmulos, bem como nas lápides, são marcas que nos dão possibilidades de saber, por exemplo, quem partiu dessa vida, e em que período o ente foi colocado ali e está debaixo daquela inscrição. Através das inscrições nas

lápides, fica clara a ideia de divisão de classe e prestígio da pessoa sepultada em solo sagrado, ou seja, no interior da igreja.

Observou-se que todos os mortos que foram depositados pertenciam à elite Alcantareense. Esta suposição é pertinente a partir das análises do material das lápides, sua composição, riqueza de detalhes e informações adicionais do ente ali *in memória*. Pois, as lápides desta igreja mostram por si só não apenas o histórico genealógico dos sepultados, como também, que certamente eram possuidores de grande poder econômico e/ou prestígios político, social e religioso.

Ficamos inclinados a admitir tal conclusão pelo simples fato de não serem encontradas naquele recinto, ainda que se trate de lugar sagrado, nenhum local de enterramento sem pelo menos alguma demonstração de poderio e ostentação, transparecendo a impressão de que, para os enterrados e seus familiares vivos, o ambiente da igreja tinha dois objetivos a serem transmitidos pelas epígrafias, os seus corpos ficarem perto dos santos e das orações, e a oportunidade de ostentação de suas riquezas (BASTIANELLO, 2016, p.30 – 31).

A esse respeito Bastianello (2016) sustenta que, “a suntuosidade das edificações tumulares parecia ser a mais segura forma de manter o status de pertencimento da classe social no além-túmulo” (BASTIANELLO, 2016, p. 31), pois, o local de enterramento passou a representar a função de consolo para os vivos ao demonstrar a ideia de imortalidade.

Segundo Ariès (1989) a morte, os funerais, traslados e sepultamentos são frutos das escolhas ou desejos dos homens materializados em “testamento” ou “contrato”, e geralmente havia interseção da igreja como administradora da morte e do morrer. Nesse sentido, as lápides e epígrafias contidas na Igreja do Carmo se constituem em "suporte" à memória da sociedade alcantareense.

Além do inventário das lápides da igreja tivemos a oportunidade de visitar o museu Histórico de Alcântara e entrevistar Paulo Melo Sousa, diretor da instituição e membro de um dos projetos de preservação do patrimônio da cidade, chamado “Guardião da memória”. Em primeiro momento, a entrevista foi direcionada ao objetivo deste estudo, para tentar localizar algum objeto que fizesse referência aos sepultamentos na igreja, no entanto, não havia nenhum objeto com alguma referência ao convento ou igreja do Carmo em exposição no museu. Segundo o entrevistado, Paulo Melo, a única peça existente no museu que tem relação com o tema desta pesquisa é um conjunto sacro, contendo um crucifixo com pedestal decorado e o anjinho da saudade, todos em mármore de Carrara branco que, segundo ele, vieram do Cemitério Municipal da cidade de Alcântara.

Sabendo disso, reafirma-se a importância de inventariar e registrar as lápides e representações de sepultamentos da cidade, visto que esta é uma temática pouco demonstrada em locais de memória, como por exemplo, os museus. Dessa forma, esse trabalho segue com as imagens e identificação das lápides e epígrafias registradas ao longo da pesquisa.

Esse templo preserva imagens, epígrafias e símbolos do imaginário social católico, constituindo-se em fonte de memória, cujos traços podem ser objetos de diversos tipos de pesquisa. Neste mosaico de formas e cores, estão as lápides, representando ricos dados históricos de gerações. Sobre isso, assinala Bastianello (2016, p. 30).

Nessa perspectiva, os sepultamentos fazem parte das significações dada a morte, e não estão desvinculadas das relações de poder estabelecidas em vida. Isso porque as representações da identidade do morto são carregadas e identificadas nos túmulos, de modo que os indivíduos não pertencentes a alguma significação de poder de modo algum possuem identificação tumular precisa. Viveiros (2014) entende que alguns personagens históricos se destacam entre outros pela qualificação de “Grande”. Um adjetivo meritocrático equiparado à noção de ilustre, uma vez que, sua significação consiste na atribuição de valores no que tange a esfera política e religiosa, a exemplo de Prefeitos e Padres. Neste sentido, a palavra ilustre consiste no indivíduo que se destaca por qualidade de grande mérito; quem é famoso; célebre dá o significado.

As inscrições existentes nos túmulos e lápides são marcas que podem ajudar a compreender os representantes de uma época. Por meio delas pode ficar claro a divisão de classe e prestígio da pessoa sepultada no solo sagrado das igrejas, vez que segundo (CAIRES, 2015) os mortos que foram sepultados tanto na área nobre da Igreja de Nossa senhora do Carmo, pertenciam à sociedade política, religiosa, empresarial ou econômica. Essa suposição é pertinente a partir das análises do material das lápides. As lápides desta igreja mostram, por si só, não apenas o histórico genealógico dos sepultados, como também, que certamente eram possuidores de grande poder econômico e/ou prestígio político, social e religioso. Por isso, imortalizando sua memória e lembrança pois “as lembranças de um grupo religioso lhe sejam lembradas pela visão de certos lugares, localização e disposições dos objetos, não há o que se espantar” (HALBWACHS, 1990, p. 154 – 155).

Ainda que se trate de lugar sagrado destinado a cultos, batismos etc., nenhum local de enterramento é destituído de alguma demonstração de poderio e ostentação.

A antiga etiqueta de delimitação social fúnebre se referia à posição do cadáver em relação ao espaço eclesial, onde quanto mais próximos dos altares-mores, e mais distantes dos repudiados adros, mais prestigiosos eram os defuntos. Esta noção, compartilhada pela sociedade alcantareense, foi transferida para o novo espaço de enterramentos, onde ainda se buscava manter algum mecanismo de diferencial social:

houve preocupação em permitir a continuidade de algum padrão reconhecível de estratificação social na nova necrópole. As catacumbas foram localizadas de maneira privilegiada no novo cemitério, posicionadas ao redor da Capela; ficavam ainda ao nível mais alto que o resto do local, simulando a antiga relação entre mortos prestigiosos e altares-mores (CAIRES, 2015, p. 43).

Observa-se, portanto, que as famílias aristocráticas alcantarenses pretendiam assim marcar sua posição social mesmo depois da morte. É comum na maioria dos epitáfios a valorização primordial dos aspectos sociais do morto, e como se projetaram enquanto vivos, deixando transparecer o fato de terem pertencido a uma elite dominante e escravista. As suas qualificações são as mais diversas, e estão gravadas em suas lápides, onde lemos as insígnias de homens e mulheres junto aos dados pessoais de cada morto, deixando nítida impressão de terem pertencido a uma elite dominante. No entanto, nota-se bem pouca preocupação com a parte espiritual dos falecidos.

3.1 AS LÁPIDES QUE CONTAM A HISTÓRIA

Nas lápides encontradas na Igreja do Carmo em Alcântara durante a pesquisa de campo foram localizadas 55 lápides e uma urna ossuária, embora possa haver um número maior de lápides, como indicou Daniel Rincon Caires (2015), na obra *Estudos Alcantarenses*.

Das 55 lápides, 4 delas estão em péssimo estado de conservação, impossibilitando a visualização das inscrições. Nessas condições inegáveis está a única lápide encontrada no piso do altar-mor, da nave principal da igreja e a ausência das informações que poderiam constar nessa e nas outras lápides nas mesmas condições, isto é, sem condições de serem identificadas, trazendo prejuízos para o trabalho.

Entre os 56 monumentos funerários encontrados na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Alcântara, repete-se com maior frequência um padrão bastante singelo, que não conseguimos identificar a nenhum cânone estético. Trata-se de lápides em pedra clara emolduradas por um friso composto de elementos fitomorfos. Este tipo se repete 20 vezes, constituindo-se no padrão dominante daquele templo. Tais objetos, marcados pela predominância do baixo-relevo, parecem ter sido produzidos com vistas a uma dupla função, de lápides e de piso, harmonizando-se com as necessidades funcionais do templo. Sua bidimensionalidade atesta que foram feitos para serem dispostos na posição horizontal, ao contrário das lápides inspiradas pelo classicismo romântico, cujas saliências impedem que se prestem a este fim, devendo ser alocadas exclusivamente nas paredes (CAIRES, 2015, p. 59 – 60).

Ao adentrar na suntuosidade que se constitui a Igreja do Carmo em Alcântara o visitante pode sentir-se como estivesse em uma viagem ao passado, mais precisamente ao período colonial, pois este terá pela frente uma visão panorâmica do interior do templo com suas paredes

revestidas com uma decoração singular, seus móveis, suas figuras, símbolos e os altares tanto da nave principal, como da Capela do Senhor dos Santos Passos. Compondo este cenário sagrado do catolicismo estão as lápides nas paredes e no piso. A observação do autor Caires (2015) é justamente sobre as lápides no piso, as quais segundo ele se repete 20 vezes, “as lápides em pedra clara emolduradas por um friso composto de elementos “fitomorfos”⁴ ele salienta ainda que os “tais objetos marcados pela predominância do baixo-relevo (p. 59 - 60).

Vale ressaltar que a observação feita por Caires (2015), sobre a duplicidade de função delas, é bem pertinente e de interesse nosso, mesmo porque aqui pretendeu-se fazer um inventário das lápides que contam histórias. Trabalhou-se, no entanto, com outra hipótese a respeito das mesmas lápides em “pedra clara”, ao que é ali denominado friso, em nossa descrição dos epitáfios lê-se arabescos.

Antes que as Lápides contem histórias, buscaremos saber um pouco da história e origem das Lápides. A origem dessa palavra; sua simbologia; o que ela representa, (nas devoções dos vivos, em seu culto para com os mortos). De início entende-se que ela pode ser observada grosso modo como um elo do ser vivo com seu ente falecido. Entretanto lançaremos mão de trechos de um artigo intitulado, Lápide, símbolo de luto e de lembrança, de autoria de Sara Dias Oliveira, (2021). No qual a autora vem responder, pelo menos em parte, as questões propostas: sobre a origem da palavra, ela diz: "Lápide nasce do latim *lapis* que escreve, que marca, que eterniza, que crava na pedra, (...) uma vida e o seu fim. e o que representa: "Na origem, lápide é descrita como uma tampa de pedra de um caixão ou a laje colocada sobre uma sepultura". Sobre sua simbologia. Ela escreve, "A placa (a lápide) que simboliza a perda e a dor, que carrega saudades e lembranças, é uma peça de arte funerária colocada numa sepultura." Certamente que todos os que vão para dentro das sepulturas, levam consigo, sonhos, e objetivos nunca alcançados. Histórias, suas e de outros, e ficam guardadas na tumba do esquecimento. E para eles mesmos não serem guardadas na tumba do esquecimento. E para eles mesmos não serem relegados a galeria dos esquecidos para sempre fixam em cima de sua 'última morada ', uma lápide na qual alguém escreve, um resumo do que o ente foi em vida. Para exemplificar citaremos abaixo algumas histórias das Lápides desta igreja que também contam história: "Aqui Jazem os Restos Mortaes De D. ANNA ROZA MENDES DE VIVEIROS Filha Legítima do Capitão Francisco José Mendes e D. Maria Quitéria D'Araujo Serveira. Nasceu Nesta Cidade D'Alcantara Aos 10 de Julho de 1791, Foi Casada com o Senador Jerônimo José de Viveiros,

⁴ Com estrutura semelhante à das plantas, também conhecidos por arabescos, ou seja, combinação de formas geométricas semelhantes às formas de plantas. Os arabescos são elementos da arte Islâmica. A escolha das formas geométricas e a maneira como devem ser usadas e formatadas é fruto da visão Islâmica do mundo.

Faleceu na Cidade de São Luiz do Maranhão Aos 21 de março de 1849. E Os de Esposo O Senador Jerônimo José de Viveiros, Filho Legítimo de Alexandre José de Viveiros e de Francisca Xavier de Jesus Viveiros. Nascida nesta Cidade D'Alcantara aos 30 de Setembro de 1796 e falecido na Cidade do Rio de Janeiro aos 13 de dezembro de 1857. E os de seu Filho O Barão de São Bento*. (O nome de batismo do Barão é, Francisco Mariano Viveiros Sobrinho, - esse título de barão ele recebeu em 1852, em função de sua grande prosperidade a partir da atividade agrícola. Essa informação nos foi repassada por, Francisco Ferreira Lemos, codinome Chicão, guia turístico voluntário em 01/11/2021) *não existe a data do sepultamento, nem o seu nome.

Pode ser observado, no exemplo acima que nas lápides, além de nomes das pessoas inumadas, dia, mês, e o ano em que faleceu, as datas festivas como casamento e nascimento, elas trazem também os nomes das pessoas que se encarregaram de dá um fim decente e as vezes com honras aos restos mortais do ente falecido. Estas eram sempre as pessoas mais próximas como: Filhos, viúvas e viúvos, netos e até sobrinhos estão nas descrições lapidares, desta igreja. A demonstração do poder senhorial reinante da época está presente nos termos: mandam erigir, e os seus motivos alegados são sempre os mais nobres como: amizade, saudade, gratidão, respeito, estima e lembrança. Nota-que mesmo havendo as lápides que contam histórias fazendo referência até a terceiros; há algumas composta de epitáfios muito sucinto, a de Engracia R. Martins, é uma dessas escrita assim: "Jazigo de Engracia R. Martins. Faleceu em 27/01/1901" (vide figura n). Seguindo esse modelo simples, há pelo menos 13 lápides que por alguma razão os familiares preferiram ao que se ver economizar nos detalhes. Mas, vale lembrar isto não é a regra porque as qualificações dos sepultados vão aparecendo de acordo com a classe social, ou o nível de posição na sociedade, patentes militares: capitão, tenentes coronel, Tenente - Coronel e alferes. Em se tratando das ocupações civis, tem, desembargador, negociante. Na área dos ofícios sagrados, está o padre, títulos acadêmicos também não foram esquecidos como doutor em medicina, os nomeados ou mobiliários, como Barão, comendador; as senhoras apesar de na época ainda não serem tão valorizadas, eram distinguidas com o grau de "Dona". A igreja mesmo sendo um recinto sagrado do catolicismo romano há em algumas lápides, certos símbolos escatológicos que não fazem parte dos consagrados pela certos símbolos escatológicos que não fazem parte dos consagrados pela igreja. Em nosso estudo encontramos: caveiras, ossos cruzados, ampulhetas com asas, semelhantes às de morcego, foice, algo no formato de fachos estando virados para baixo, - todos esses emblemas simbólicos, passou a fazer parte do imaginário do homem religioso, independente das denominações, pelo menos é que esse símbolo escatológico transmite, que houve tolerância para sua permanência ali. Outra nota

importante é o termo "filho e filha legítimos" muito comum, e que está presente principalmente nas lápides das famílias tradicionais. Nestas tanto o culto a Deus, como culto aos mortos haviam já a muito tempo se tornando mais que obrigação, era um dever a cumprir, no contexto de uma nova mentalidade. Pois para ele, "as fontes iconográficas e arqueológicas têm uma importância tão grande quanto o discurso formal" (VOVELLE, 1987, p.130-131). Portanto nas Lápides estão gravadas ou cravadas as fontes de memória históricas, sendo bem mais fácil de serem encontradas em lugares destinados a sepultamentos dos corpos, em Igrejas, como a do Carmo, os cemitérios. Assim sendo as que aqui foram catalogadas, estão impregnadas de fatos históricos de ínvios e de grupos familiares conforme aponta Bastianello. (2016)." Essa nova mentalidade desencadeou o culto a saudade, daí a necessidade do túmulo visível, da concepção de perpetuidade individual ou familiar.

Ocorreu, assim, a materialização tumular que também se tornava uma das de demonstrar o status social do morto e de sua família, reportando-se a uma prática oriunda antiguidade greco-romana, Bastianello, 2016, p.31). Oliveira, (2021) vem destacar ainda que o material de que a lápide é feita não tem relevância, o que vale é o escrito pois lápide "[...]E a vida e morte numa placa" (OLIVEIRA, 2021). Neste sentido apresentaremos mais algumas das histórias fruto deste estudo. Neste trabalho encontram-se, portanto, 16 mulheres inumadas. As lápides mais antigas datam de 1824 a 1829. E as mais novas de 1900 a 1926. Nesses períodos estão descritos um pouco da história de ascensão e declínio de uma das cidades históricas mais visitadas do Maranhão.

Por fim, neste ponto conclui-se com base: no registrado nas lápides anos finais (1926) quando ainda houve sepultamentos na igreja, descontando os anos iniciais (1824), vê-se que essa prática perdurou por mais ou menos um (1) século. Entende-se assim que continuaram acontecendo por muito tempo mesmo depois de serem proibidos em (1866) nota-se que havia um forte apego ao solo sagrado e " os fiéis* não pretendiam abandonar a igreja nem depois de morto. Esse apego tinha sua explicação. Era porque como afirma Barbosa (2013) citando Chiavenato (1998). Que: O período de aproximadamente mil anos, do século VI ao XVI, marca uma etapa importante no sepultamento dos mortos. Nesse tempo, os mortos eram enterrados dentro ou nas imediações das igrejas [...] (BARBOSA, 2013, p. 18 CHIAVIANATO, 1998) portanto a preferência por espaço no solo sagrado, estava justificada pelo que diz o mesmo Chiavenato, "acreditava -se que ficando perto dos santos seria mais fácil chegar ao céu". (CHIAVENATO, 1998). Também esperavam que essa proximidade os protegesse do inferno. (BASTIANELLO, 2016, p. 30). E como em outros lugares e em outros tempos a igreja do Carmo em Alcântara- MA, foi "o lugar dos mortos".

Figura 1: Vista panorâmica da Igreja do Carmo em Alcântara – MA.



Fonte: Autoria própria, 2021.

4 INVENTÁRIO DAS LÁPIDES NO PISO DA NAVE CENTRAL DA IGREJA DO CARMO EM ALCÂNTARA - MA

Este capítulo apresenta as fotografias das 55 lápides e da urna ossuária com os restos mortais, as fotografias na condição de imagens testemunham a existência real das lápides objetos históricos deste estudo. Pois as imagens e símbolos são segundo Vovelle (1987) são: “As fontes cronológicas e arqueológicas têm uma importância tão grande quanto o discurso formal a história também um “História de Silêncio” (VOVELLE, 1987, p. 130-131). A figura das lápides, mesmo em silêncio testemunham fatos ocorridos nos últimos séculos e que na igreja do Carmo teve início os sepultamentos conforme registro desde a década de 20. Do oitocentista, até ser proibido por decreto nº 583 de 1950 e a lei de estruturação dos municípios de 1828. Impera esta proibição tenha chegado em Alcantara, como cita Ariès (2015), “Em 1866 novo código de postura tornou-se ilegal os enterramentos nas igrejas [...]” (ARIÉS, 2015, p. 38). Está proibição estava de acordo com a Lei nº 80421/07/1866, citado pelo mesmo. No entanto, podemos perceber pelas datas de início (1824) e finais (1929) que ele desobedecendo a lei a igreja continuou recebendo sepultamento de pessoas influentes, como consta nos registros das lápides, que foram fotografadas por nós em 01 de novembro de 2021.

O capítulo apresenta na íntegra as lápides, ossuários com as informações adicionais e os seus epitáfios descritos conforme os originais. Nesse estudo foram encontrados como já foi dito 55 lápides e uma ossaria. Nessas lápides que sinalizam as invenções este estudo encontrou o nome de 16 mulheres; de um total de 59 numeração – este total diverge do divulgado na revista estudos Alcantarenses (2015) onde Caires (2015) dá conta de 67 sepultamento. A explicação ficou por conta dos grandes números de lápides com inscrições danificadas de difícil identificação, como está exposto ao longo do trabalho e neste capítulo, onde estão inseridas as figuras, mostrando a importância das epígrafas e iconografia para o estudo da memória.

Figura 2: Lápides de José Gomes D' Oliveira.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jazem os restos mortaes de José Gomes D'Oliveira. Nasceu em Portugal a 10 de fevereiro de 1805. Falleceu n'esta cidade a 19 de maio de 1859. Seu filho João Baptista Gomes D'Oliveira mandou colocar esta lápida em testemunho de sua eterna saudade.
Material: metal e pedra (mármore).
Alegorias: Mística.
Elementos: Ampulheta de asas: ampulheta, símbolo do escoamento do tempo. Expressa a ideia de Deus da ideia da morte. Asas: Símbolo da divina missão [...] (Borges,2017).
Primeiro Sepultamento: 1859.
Ornamentos: Ampulheta de asas. Ampulheta: Símbolo do escoamento do tempo, expressa a ideia de Deus e a ideia da morte (BORGES,2017, p. 411). Asas: Símbolo da divina missão, estão incorporadas aos anjos, arcanjos, serafins e querubins. Integram os emblemas dos quatro evangelistas: o leão de São Marcos, o boi de São Lucas, o homem de São Mateus e a água de São João. Na arte funerária vamos encontrá-la junto com a ampulheta (BORGES, 2017, p. 411).
Estado de Conservação: Bom.

Figura 3: Lápides do Coronel Gustavo A. Costa Ferreira e do seu filho Cássio A. da Costa Ferreira.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jazem os restos mortais do Cel Gustavo A. Costa Ferreira. Faleceu em 23 de fevereiro de 1897. E seu filho Cassio A. da Costa Ferreira. Falecido em 30 de julho de 1894. Em testemunha de profunda saudade. Oferece esta lápide sua esposa e mãe. D. Esterlina F. de Sá Ferreira.
Material: mármore branco.
Alegorias: sem alegorias.
Elementos: sem elementos.
Primeiro Sepultamento: 1897.
Segundo Sepultamento: 1894.
Ornamentos: Arabescos simples.
Estado de Conservação: Ruim.
Observação: Esta lápide está seriamente danificada, tornando quase impossível a compreensão de várias palavras, inclusive o nome do primeiro sepultado, o filho do Coronel Gustavo.

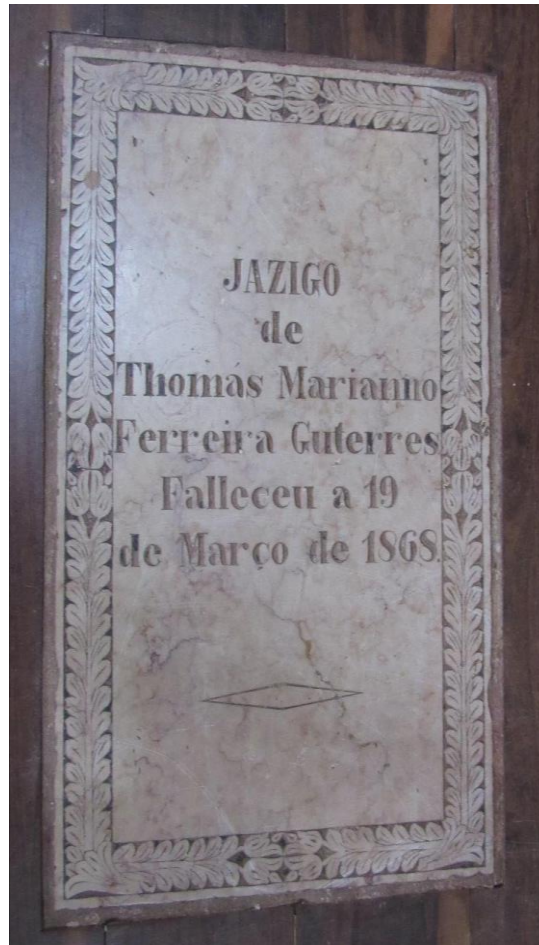
Figura 4: Lápide próxima ao altar central com inscrições danificadas pelo tempo.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Ilegível
Material: Granito.
Alegorias: sem alegorias.
Elementos: sem elementos.
Primeiro Sepultamento: Não identificado.
Segundo Sepultamento: Não identificado.
Terceiro Sepultamento: Não identificado.
Ornamentos: sem ornamentos.
Estado de Conservação: péssimo.
Observação: Na lápide não foi possível nenhum tipo de identificação, a olho nu, pelo fato de ela estar danificada pela ação do tempo, precisando ser substituída ou recuperada.

Figura 5: Lápides de Thomas Marianno Ferreira Guterres.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Jazigo de Thomas Marianno Ferreira Guterres. Faleceu a 19 de março de 1868.
Material: Mármore de Carrara branco.
Alegorias: sem alegorias.
Elementos: sem elementos.
Primeiro sepultamento: 1868
Segundo sepultamento: não tem.
Ornamentos: Borda ornamentada com arabescos.
Estado de Conservação: Bom.

Figura 6: Lápides de Francisco de Salles Bastos.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui dorme o sonno eterno Francisco de Salles Bastos. Saudade dos que lhe presam.
Material: Mármore branco com destaque em negrito, com epigrafias e ornamentos em alto relevo.
Alegorias: Mística.
Elementos: Flores e folhas.
Primeiro Sepultamento: 1867*.
Estado de Conservação: Bom.
Observação: a data do seu falecimento não se encontra nesta lápide, mas sim na do seu progenitor, o Alferes Joze Antonio Bastos*. Nessa lápide é feita a analogia da morte com o sono.

Figura 7: Lápides de Leandro Carlos de Sá.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Leandro Carlos de Sá, filho legítimo do Te. Cel. Manoel Gonçalves da de Sá e D. Rosa Joaquina Ribeiro Sá. Nasceu em Alcântara a 5 de março de 1831 e faleceu em Puriz a 21 de maio de 1860. Tomou o grau de Dr. Em Medicina pela Faculdade da Bahia em 18 de dezembro de 1858.
Material: Mármore de Carrara branco.
Primeiro Sepultamento: 1860.
Ornamentos: decorada as margens em arabescos.
Estado de Conservação: Regular, com algumas rachaduras. Porém as inscrições não foram danificadas.
Observação: Apesar de não ser bom o estado de conservação da lápide do Leandro Carlos de Sá, muito bom é o seu histórico nela contido, era formado como Dr. Em Medicina, as inscrições mostram também que o poder econômico da família de Sá em Alcântara era alto, pois ele faleceu em Paris, mas como se vê os seus restos mortais estão na igreja do Carmo.

Figura 8: Lápides do Alferes Joze Antonio Bastos.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Jazem Aqui os restos mortaes do Alferes Joze Antonio Bastos que faleceu a 18 de novembro de 1872 e de seu filho o Capitão Francisco de Salles Bastos que faleceu a 30 de março de 1867. Seu filho e irmão João S. F. Bastos mandou colocar esta lapida em signal de amizade.
Material: Mármore branco.
Primeiro Sepultamento: 1867.
Segundo Sepultamento: 1872.
Ornamentos: Laterais decoradas com arabescos.
Estado de Conservação: Bom.
Observação: Esta lápide faz referência a duas inumações, a de um pai a de um filho: Alferes José Antônio Bastos e o Capitão Francisco de Salles Bastos seu filho.

Figura 9: Lápides de D. Maria Thereza de Oliveira Mello.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jaz os restos mortaes D. Maria Thereza de Oliveira Mello natural desta cidade falecida a 4 de novembro de 1872. Seu viúvo Major Jose Mariano de Mello lhe mandou esta lapida em signal de amizade.
Material: Mármore branco.
Primeiro Sepultamento: 1872.
Ornamentos: decoradas as bordas em arabescos.
Estado de Conservação: Regular com algumas rachaduras na parte superior.
Observação: Embora esta lápide se encontre um pouco danificada por alguma razão, tais variações não impossibilitaram sua análise.

Figura 10: Lápides de José R. G. de Castro.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: A memória de José R. G. de Castro, falecido a 26 de novembro de 1900. Eterna recordação de sua esposa e filhos.
Material: Mármore branco.
Primeiro Sepultamento: 1900.
Estado de Conservação: Ruim, malconservada.
Observação: A lápide acima é bem simples, no entanto como já observado está como tantas outras, sofreu um tipo de dano, que lhe causou a quebra em diversas partes, mesmo assim a epigrafia foi preservada.

LÁPIDES NA PAREDE LATERAL ESQUERDA DA NAVE PRINCIPAL DA IGREJA DO CARMO

Figura 11: Lápide de Dr. Pedro José da Silva Guimarães Júnior.



E

Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.

Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes do Dr. Pedro Jose da Silva Guim Junior, nascido nesta cidade de Alcantara a 2 de julho de 1832. E falecido na cidade de São Luís do Maranhão a 5 de julho de 1859. Sua mulher D. Henriqueta Emilia Gama Guimarães mandou-lhe erigir esta lápide em testemunho de sua eterna saudade.

Material: Mármore dourado.

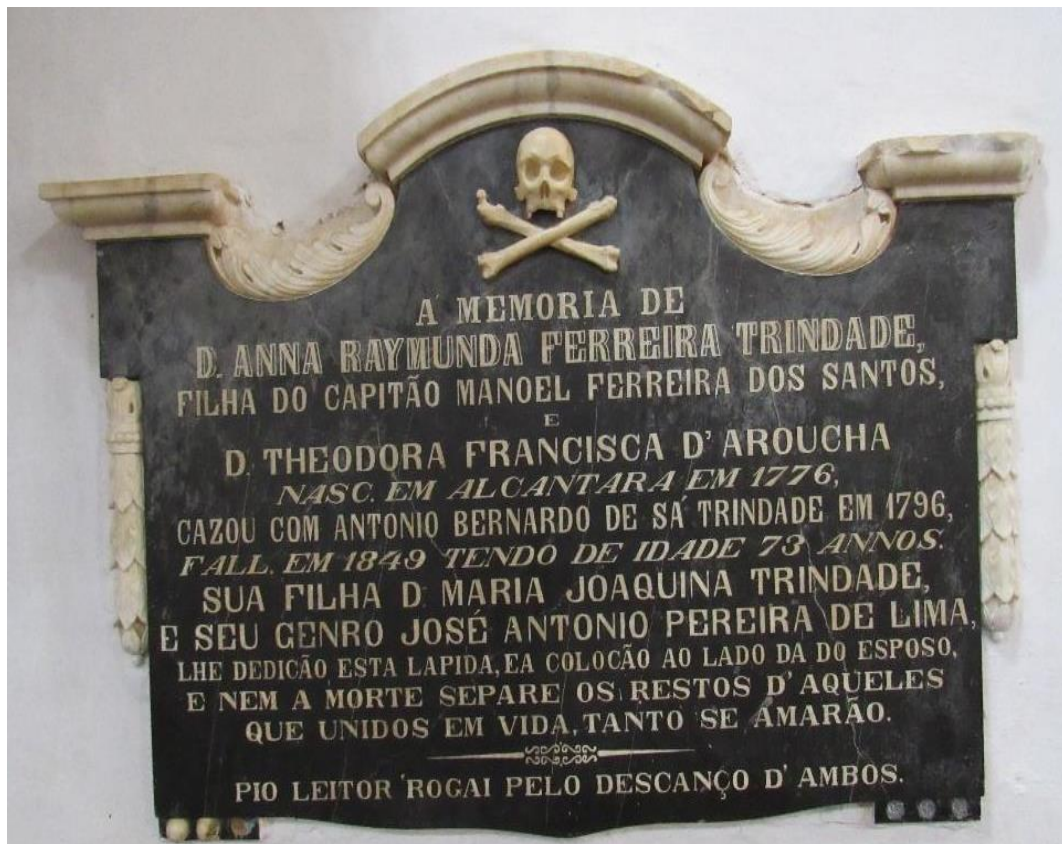
Primeiro Sepultamento: 1859.

Ornamentos: As bordas estão decoradas em arabescos.

Estado de Conservação: Ótimo estado.

Observação: Na dedicatória ficou implícito uma característica de famílias patriarcais machistas na expressão “sua mulher”.

Figura 12: Lápide de D. Anna Raymunda Ferreira Trindade.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: A memoria de D. Anna Raymunda Ferreira Trindade, filha do capitão Manoel Ferreira dos Santos e Theodora Francisca D' Aroucha nasc. Em Alcantara em 1776; cazou com Antonio Bernardo de Sá Trindade em 1796, falecido e 1849 tendo de idade 73 anos. Sua filha D. Maria Joaquina Trindade, e seu genro José Antonio Pereira de Lima, lhe de dedicação esta lapida, e a colocação ao lado da do esposo, e nem a morte separe os restos d'aqueles que unidos em vida, tanto se amarão. Pio leitor rogai pelo descanso D' ambos.
Material: granito preto.
Alegorias: pagã.
Elementos: face cadavérica e t́bias em forma de cruzeta.
Primeiro Sepultamento: 1849.
Ornamentos: decorativos em arabescos festais em alto-relevo.
Estado de Conservação: Ótimo.
Observação: Até a idade da referida é anotada sendo demonstrado haver uma harmonia naquele grupo familiar, e há um pedido para os leitores que roguem pela união dela e do esposo mesmo depois da morte.

Figura 13: Lápide de Antonio Bernardo de Sá Trindade.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Á memoria de Antonio Bernardo de Sá Trindade Bom Marido-Bom Pai-Bom amigo. Nasc. Em Lx. A 13 de-4-1774. E fall. No Maranhão em 7-10-1847. Em testemunho de eterna saudade-amor-e gratidão, D. e C. D. Maria Joaquinna Trindade-sua filha e José Antonio Pereira Lima-seu genro.
Material: Granito preto.
Alegorias: Pagã.
Elementos: Face cadavérica e tíbias em forma de cruzeta, simbolizando a representação da morte.
Primeiro Sepultamento: 1847.
Ornamentos: decorativos em arabescos em alto relevo.
Estado de Conservação: Ótimo.
Observação: Além de autoproclamado " Bom marido", "Bom pai", "Bom Amigo". Do mesmo modo como descreve a lápide de sua esposa Anna Raymunda F. Trindade, aquela família gozava de grande harmonia.

LÁPIDES NA PAREDE LATERAL DIREITA DA NAVE PRINCIPAL DA IGREJA DO CARMO

Figura 14: Lápide de Domingos Luiz Vianna.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes de Domingos Luiz Vianna Falecido a 6 de janeiro de 1843 e de seu filho Ezequiel Luiz Vianna falecido a 24 de novembro de 1844 sua espoza. D. Antonia Agostinha Vianna. Mandou lhe erigir esta lapida em testemunho de sua pungente dor. E vivíssima saudade.
Material: Granito preto, com detalhes em mármore de carrara.
Elementos: existe, porém não pôde ser identificado.
Primeiro Sepultamento: 1843.
Segundo Sepultamento: 1844.
Estado de Conservação: Regular.
Observação: Nesta dá a impressão de que havia alguns elementos nas extremidades frontais, porém foram retiradas ou caíram com o passar dos anos. Vale lembrar que a referida lápide registra dois sepultamentos, sendo eles o de Domingos Luiz Vianna, o pai, e do seu filho Ezequiel Luiz Vianna.

Figura 15: Lápide de João Costa Netto.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo - Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jazem os restos mortaes do negociante João da Costa Netto nascido em Sancta Christina de Malta do reino de Portugal em 1814. Filho legitimo de Joze da Costa Netto e D. Maria Joaquina da Silva Torres cazada com D. Maria J. Reis dos Passos, aos 19 de novembro de 1840 e faleceu nesta cidade de Alcantara aos 16 de outubro de 1856.
Material: Mármore branco.
Elementos: decorada em arabescos em todos os lados.
Primeiro Sepultamento: 1856.
Ornamentos: decorativos em arabescos festais nas bordas.
Estado de Conservação: Perfeito.
Observação: A origem deste “comerciante” conforme descrito acima na lápide, é Sancta Christina de Malta do Reino de Portugal”. Esta referência à origem de Joaquim da Costa Netto, é confirmada por (VIVEIROS,1977, p.51) onde o mesmo fala sobre a organização da família Alcantareense. Segundo Viveiros, afirma “ter havido no Maranhão uma nobreza que se encontrava em legítimas raízes portuguesas” (VIVEIROS, 1977, p.51).

Figura 16: Lápide de Agostinho Pereira dos Reis.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Agostinho Pereira Reis, saudades de sua mãe irmão e filhos.
Material: Mármore de Carrara branco com detalhes em grafite. Seu formato lembra o arco-íris.
Alegorias: Religiosa.
Elementos: Palma, que simboliza, segundo Maria Elizia Borges (2017), " para os Romanos: símbolo de vitória; " para os cristãos representa símbolo da glorificação celestial, representa o triunfo dos mártires sobre a morte"(Borges, 2017, p.417).
Ornamentos: Palma; O arco-íris é caminho e mediação entre a terra e o céu. É a ponte, de que se serve deuses e heróis, entre o Outro-Mundo e o nosso (Dicionário de símbolos, p.77).
Estado de Conservação: Bom.
Observação: embora o estado de conservação e inscrições estejam perfeitos, podendo se ler o número (41) no ponto mais alto do arco, não está registrado nem a data de nascimento nem do falecimento de Agostinho. Temos que recorrer a Viveiros novamente, a fim de obtermos alguns dados do referido ente. Segundo Viveiros, (1977) Agostinho Reis nasceu em Alcântara, a 23 de junho de 1877. Foram seus pais o professor de latim João Franklin dos Reis e Maria da Glória Pereira dos Reis. Era homem religioso nobre por natureza, dedicado à filantropia; " colaborou na reforma da igreja do Carmo e da casa da Câmara" (VIVEIROS, 1977, p.144).

LÁPIDES NA PAREDE LATERAL ESQUERDA DA CAPELA DA IGREJA DO CARMO

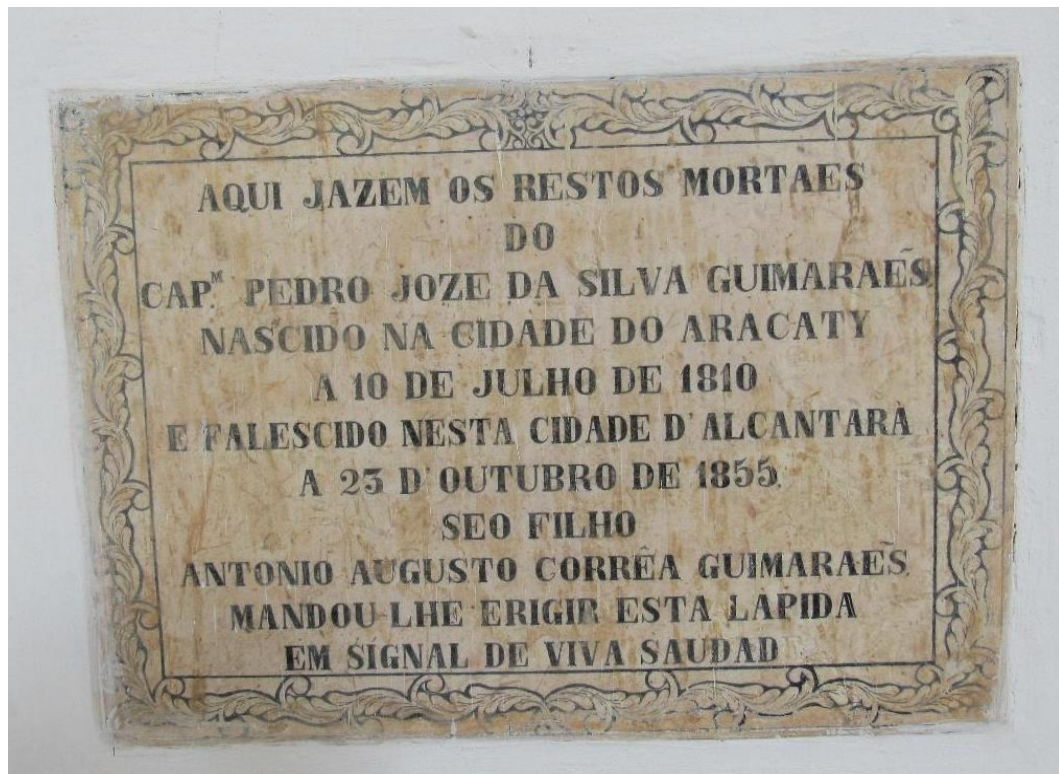
Figura 17: Visão geral da parede lateral esquerda da Capela.



Fonte: Autoria própria, 2021.

A Figura acima demonstra a localização das lápides nas paredes da igreja, na lateral esquerda do altar capela.

Figura 18: Lápide do Capitão Pedro Joze da Silva Guimarães.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jazem os restos mortaes do Cap. Pedro Joze da Silva Guimarães nascido na cidade de Aracaty a 10 de julho de 1810 e falecido nesta cidade d' Alcantara a 25 d' outubro de 1855 seo filho Antonio Augusto Correia Guimarães mandou-lhe esta lápide em signal de viva saudade.
Material: Mármore de Carrara branco.
Primeiro Sepultamento: 1859.
Ornamentos: Laterais decorada em arabescos.
Estado de Conservação: perfeito.
Observação: Esta Como as demais lápides das paredes encontram- se sempre bem conservadas.

Figura 19: Lápide de José Antonio Pereira de Lima.



Fonte: Aatoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Pouco legível.
Material: Mármore de Carrara rosa.
Alegorias: Mística.
Elementos: Face Cadavérica, tíbias em formato de cruzeta, flor e cruz.
Primeiro Sepultamento: 1858.
Ornamentos: a cruz é descrita por BORGES (2017) como um elemento que "simboliza a paixão de Cristo e é o símbolo da sorte e da esperança" (BORGES, 2017, p. 414) lembrando que ela se refere a "cruz Latina". Já Chevalier (1996), no dicionário de símbolos, dá várias simbologias à cruz, e uma delas é: "apontando para os quatro pontos cardeais, a cruz é em primeiro lugar a base de todos os símbolos de orientação (CHEVALIER, 1996, p. 309).
Estado de Conservação: Ótimo.
Observação: este José Antonio Pereira de Lima é também oriundo daquelas " raízes portuguesas", citadas por VIVEIROS (1977), e sua esposa expõem os motivos nobres para lhe dedicar a Lápide.

Figura 20: Lápide do Coronel João Francisco Mendes.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem o coronel Francisco Mendes falecido a 25 de novembro de 1855 e seu filho o Doutor Francisco Leandro Mendes falecido a 12 de março de 1856 ambos naturaes desta cidade de Alcântara. A viúva do primeiro Anna Francisca Mendes e seus filhos Rita Francisca Mendes o Major Ignacio Antonio Mendes mandarão assentar esta lapida em signal de eterna saudade.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1850.
Segundo Sepultamento: 1856.
Ornamentos: arco decorado em arabescos.
Estado de Conservação: Regular, com pequena deformação e as inscrições um pouco apagadas. .
Observação: nesta lápide consta de duas inumações, sendo a primeira do coronel João Francisco Mendes e a de seu filho, o Doutor Francisco Leandro Mendes.

Figura 21: Lápide de D. Anna Rosa Mendes de Viveiros.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jazem os restos mortaes de D. Anna Rosa Mendes de Viveiros, filha legitima do capitão Francisco José Mendes e D. Maria Quiteria D. Araujo Serqueira. Nasceu nesta cidade de Alcantara aos 10 de julho de 1791, foi cazada com o senador Jeronimo José de Viveiros e faleceu na cidade de S. Luiz do Maranhão aos 21 de março de 1849, e o seu esposo o senador Jeronino José de Viveiros, filho legitimo de Alexandre José de Viveiros e D. Francisco Xavier de Jesus Viveiros. Nascido nesta cidade de Alcantara aos 30 de setembro de 1796 e falecido na cidade de Rio de Janeiro aos 13 de dezembro de 1857. E os de seu filho o barão de s. Bento.
Material: Granito preto e detalhes em mármore de Carrara.
Alegorias: Religiosa.
Elementos: Anjos: simbolizando intermediários entre outras funções o dicionário de símbolos já citado os descreve em parte assim: “mensageiros, guardiões, condutores de astros, executores de leis, protetores dos eleitos etc., (Dicionário de Símbolos,1996, p. 60) Asas: símbolo da divina missão, estão incorporadas aos anjos, arcanjos, serafins e querubins. Segundo Maria Elizia Borges. Integram também os emblemas dos quatro evangelistas, sendo eles o leão de São Marcos, o boi de São Lucas, o homem de São Mateus e a águia de São João. Na arte funerária é comum encontrá-la junto com a ampulheta (BORGES,2017, p. 411).
Primeiro Sepultamento: 1849.
Segundo Sepultamento: 1857.
Terceiro Sepultamento: Não tem a data*.
Ornamentos: Coroa composta de festais e decorada em arabescos.
Estado de Conservação: Ótimo estado.

Observação: Esta é uma das lápides a qual nos referimos no relatório, que se constitui em uma certidão de nascimento e óbitos em miniatura. Pois nela está relatada a data de nascimento, casamento, óbitos, e até o local em que ocorreu os óbitos, bem como progenitores, esposa, e esposo etc. Outra observação é sobre a última frase da lápide. " E os de seu filho, o Barão de S. Bento (para este não há data de nascimento nem de óbito). Outras informações pertinentes sobre o dito Barão é sobre qual o seu nome, que não está nas inscrições lapidárias. Pois, segundo o dicionário histórico e geográfico do Maranhão (1870), o nome dele é Francisco Mariano de Viveiros Sobrinho, o qual adquiriu sua grande fortuna e prestígios a partir de atividades agrícolas, e depois formou-se Bacharel em matemática pela Universidade de Coimbra (MARQUES, 1870, p. 504).

LÁPIDES NA PAREDE LATERAL DIREITA DA CAPELA DA IGREJA DO CARMO

Figura 22: Visão geral da parede lateral direita da Capela.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Figura 23: Lápide do Capitão Manoel Alves Serrão



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jaz o capitão Manoel Alves Serrão falecido a 22 de outubro de 1845 cazado com D. Anna Elauteria Ferreira Alves.
Material: Mármore de Carrara branco.
Elementos: decorativos em arabesco em alto relevo.
Primeiro Sepultamento: 1848.
Ornamentos: decorativos em arabescos festais e em alto relevo.
Estado de Conservação: ótimo estado.
Observação: Lápide simples, porém, bastante objetiva.

Figura: 24: Lápide de D. Anna Benedicta de Viveiros Pires.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: A memória de D. Anna Benedicta de Viveiros Pires. Natural da cidade de Alcântara filha legítima de Alexandre Jose Viveiros e de D. Francisca Xavier de Jesus Viveiros. Nasceu em 18 de janeiro de 1804, casou-se em 15 de abril de 1823, com o capitão Manoel Antonio Pires Lima faleceu em 14 de dezembro de 1857, com 55 anos de idade em testemunho da saudade, amor e gratidão seu marido, lhe dedica esta lapida.
Material: Granito preto.
Alegorias: Religiosa.
Elementos: Coroa e rosa. A coroa simboliza a marca da vitória ou da distinção, a coroa de rosas é um indicativo de uma alegria divina (BORGES, 2017, p. 414). A rosa para os Romanos representa um símbolo da dignidade do amor triunfante e da vitória, é denominada "Deusa do Amor". Para o cristianismo, representa o símbolo do martírio (rosa vermelha) e da pureza (rosa branca). Os espinhos da rosa estão associados aos pecados do homem e suas pétalas, ao frescor do paraíso devido a sua fragrância e beleza (BORGES, 2017, p. 419).
Primeiro Sepultamento: 1847.
Ornamentos: ornamentação em arabescos, festais e coroa.
Estado de Conservação: Ótimo estado.
Observação: Esta lápide também é rica em detalhes sobre a vida particular de dona Anna Benedicta de Viveiros Pires. Por sinal, a família Viveiros (1977) faz parte das que vieram de Portugal para o Brasil no período colonial (VIVEIROS, 1977, p.51).

Figura 25: Lápide de D. Francisca Eugenia Ferreira e D. Mariana Benedicta Ferreira.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.

Epitáfio: Nesta Louza repoução os restos mortaes D. Francisca Eugenia Ferreira, D. Mariana Benedicta Ferreira filhas legtimas do capitão Manoel Ferreira dos Santos aquela falecida a 17 de fevereiro de 1849, com 62 annos de idade, e esta a 15 de setembro de 1849, com 66 annos. Ambos morrerão Donzellas e pelas suas muitas virtudes forão dignas de subida estima seus sobrinhos José Antonio Pereira de Lima, D. Maria Joaquina Trindade e Lima, em testemunho do muito amor que sempre lhes trivutarão, lhe dedicação esta lapida, e por prova de seus respeitos e eternas saudades.

Material: Mármore preto ou granito.

Alegorias: Mística.

Elementos: Face Cadavérica e as tíbias em cruzeta.

Primeiro Sepultamento: 1849.

Segundo Sepultamento: 1854.

Estado de Conservação: Regular, às inscrições estão um tanto apagadas, ainda assim permitiu sua identificação.

Observação: Nesta lápide consta dois sepultamentos de duas irmãs. E as suas inscrições mostram o quanto as pessoas naquela época estavam preocupadas com seus corpos e suas almas, mesmo nos pós morte. Pois lê-se: " P. N. Pelo Repouso de Suas Almas".

LÁPIDES NO PISO DA CAPELA LATERAL DA IGREJA DO CARMO

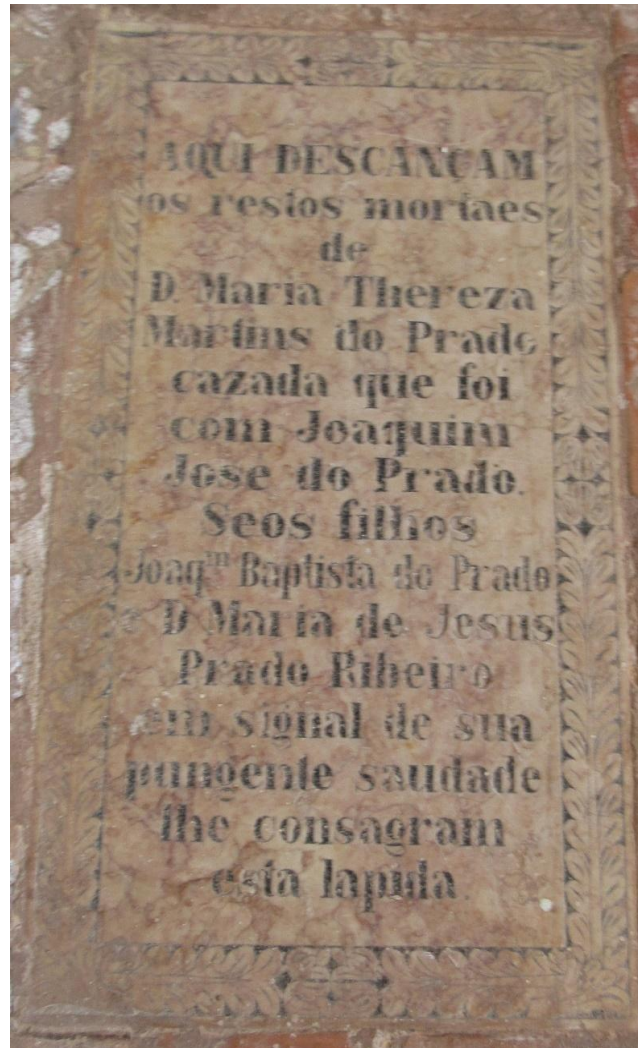
Figura 26: Lápide de D. Leontina Stella Ribeiro Guimarães.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui repousam os restos mortaes de D. Leontina Stella Ribeiro Guimarães a 29-2-29 seu esposo tenente coronel Antonino da Silva Guimarães lhe mandou erigir esta lapida como signal de eterna lembrança.
Material: Mármore branco.
Alegorias: Religiosa.
Elementos: A cruz, decorada com flores.
Primeiro Sepultamento: 1829.
Ornamentos: Arabescos singelos, nas extremidades.
Estado de Conservação: Regular, bem legível.
Observação: Esta foi até então a única encontrada com a alegoria nesse estilo.
Elementos: Flores e Cruz.
A cruz simboliza a paixão de Cristo. Conforme a tradição, representa o local em que Cristo foi crucificado e é o símbolo da morte e da esperança. (BORGES,2017, P.414). A flor, de maneira geral, é símbolo do princípio passivo. O cálice da flor, tal como a taça, é o receptáculo da atividade celeste, entre cujos símbolos se deve citar a chuva o orvalho (Dicionário de Símbolo, 1996, p. 437).

Figura 27: Lápide de D. Maria Thereza Martins do Prado.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui descansa os restos mortaes de D. Maria Thereza Martins de Prado cazada que foi com Joaquim Jose do Prado. Seos filhos Joaquim Batista do Prado D. Maria de Jesus Prado Pinheiro no signal de sua pungente saudade lhe consagram esta lápide.
Material: Mármore dourado.
Estado de Conservação: Regular, só um pouco gasta pela ação do tempo.
Observação: * Não existem datas, nem de nascimento nem de óbito. E, como já foi explicitado no texto do relatório, devido ao contexto pandêmico da Covid 19, não nos foi possível aprofundar as pesquisas nos órgãos de registros, tais como na Diocese, Cúria e/ou Cartórios.

Figura 28: Lápide de Dr. Alexandre Jose de Viveiros.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Jazigo do D. Alexandre Jose de Viveiros e seus descendentes.
Epitáfio: Jazigo do D. Alexandre Jose de Viveiros e seus descendentes.
Material: Mármore na cor grafite.
Primeiro Sepultamento: *
Ornamentos: decorada as bordas em arabescos.
Estado de Conservação: Ruim, está quebrada em dois lugares, precisando de reparo.
Observação: *Não há datas de nascimento nem de óbito, apesar da riqueza do material desta lápide, ela é bastante resumida em termos das inscrições. Jazigo do Dr. Alexandre José de Viveiros e seus descendentes. *Assim como nos outros casos da ausência de datas, não os encontramos pelos mesmos motivos já alegados. As restrições.

Figura 29: Lápide de Joaquim Jose Souto.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes de Joaquim Jose Souto falecido em 25 de janeiro de 1828 e de sua mulher D. Maria Roza de Viveiros Souto nascida nesta cidade de Alcântara em 10 de novembro de 1798 e falecida em 25 de janeiro de 1862.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1828.
Segundo Sepultamento: 1862.
Ornamentos: decorada as bordas em arabescos festais.
Estado de Conservação: Ótimo estado.
Observação: Lápide, muito bem conservada.

Figura 30: Lápide de Antonio Augusto Correia Guimarães.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Sob esta modesta pedra descansa os restos mortaes de Antonio Augusto Correa Guimarães, nascido em Alcântara em 13 de junho de 1835 e falecido na cidade do Maranhão em 16 de março de 1869. Em sinal de sua lembrança aqui lh'a mandou colocar o seu amigo Theodoro José da Silva Gama.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1869.
Ornamentos: decorada as bordas em arabescos festas.
Estado de Conservação: Ótimo estado.
Observação: Lápide em ótimo estado e bem legível e clara suas inscrições.

Figura 31: Lápide com inscrições corroídas pelo tempo.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Ilegível
Material: O material deve ser metálico, não sendo possível identificar.
Primeiro Sepultamento: impossível visualizar.
Estado de Conservação: Péssimo.
Observação: Esta é uma das lápides referida no texto do relatório que está totalmente danificada, tornando impossível qualquer identificação das informações que as mesmas continham, quando de sua fixação, não foi possível aprofundar as investigações a fim de encontrar os parentes e ou herdeiros, bem como saber o que teria causado tal estrago, pelos mesmos motivos já acima referidos da pandemia.

Figura 32: Lápide de Antonio João de D' Azevedo.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Antonio João D Azevedo Marido de D. Anna Eudoxia M. D. Azevedo.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1863.
Estado de Conservação: De Regular para Ruim.
Observação: Esta lápide é simples, bem objetiva, porém, está com seu material um pouco gasto e o canto inferior direito quebrado. E têm uma curiosidade na estrutura da data do óbito, como se se tratasse de uma operação de matemática.

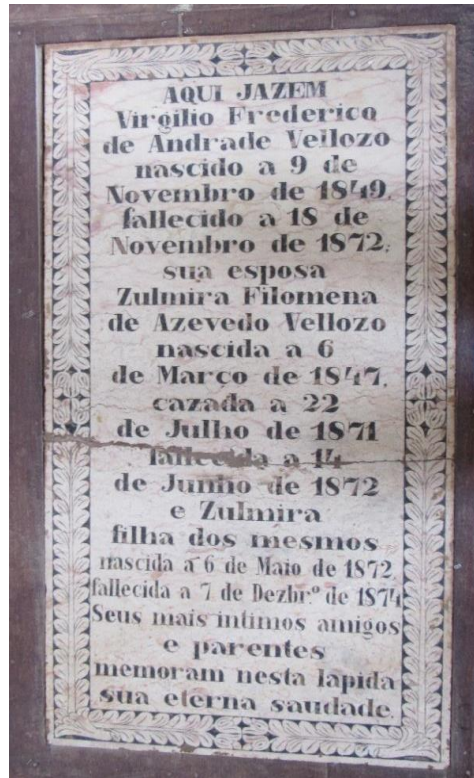
Figura 33: Lápide com inscrições danificadas.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Ilegível
Material: Mármore branco de Carrara.
Alegorias: não visível ou não
Estado de Conservação: Péssimo.
Observação: Esta lápide, conforme descrita acima, está muito danificada, tornando impossível visualizar e compreender as inscrições a olho nu. Entendemos que ela precisa de reparos.

Figura 34: Lápide de Virgílio Frederico de Andrade Vellozo.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem Virgilio Frederico de Andrade Veilezo nascido a 9 de novembro de 1849 falecido a 15 de novembro de 1872, sua esposa Zulmira Filomena de Azevedo Vellozo nascida a 6 de março de 1847 cazada a 22 de julho de 1872 e Zulmira filha dos mesmo nascida a 6 de maio de 1872 falecida a 7 de dezembro de 1874. Seus mais íntimos amigos e parentes memoram nesta lapida sua eterna saudade.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1872.
Segundo Sepultamento: 1872.
Terceiro Sepultamento: 1874.
Ornamentos: decorativos em arabescos.
Estado de Conservação: Regular, com inscrições bem legíveis.
Observação: A primeira, é sobre as duas primeiras datas: 1872, tanto para o primeiro como para o segundo sepultamento. Porém, a senhora Zulmira, ocorreu em junho, por sua vez, o senhor Virgílio faleceu em novembro. Outra observação é sobre a terceira pessoa sepultada, trata-se de uma filha do casal, que faleceu na mesma década.

Figura 35: Lápide de Antonio Manoel dos Reis.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes de Antonio Manoel dos Reis nasceu em 22 de fevereiro de 1841 e faleceu em 1 de julho de 1885 sua esposa e filhos em signa de recordação dedicaram lhe esta lápide.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1885.
Estado de Conservação: Bom estado.
Observação: Lápide, bem conservada e bem legível suas inscrições.

Figura 36: Lápide de D. Mariana de Jesus Ribeiro.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes de D. Mariana de Jesus Ribeiro mãe do Coronel Antônio Mariano Franco de Sá Junior, falecido em Alcantara de 3 de maio de 1901.
Material: Mármore branco de Carrara ladeada na cor grafite.
Primeiro Sepultamento: 1901.
Estado de Conservação: Ruim.
Observação: A lápide acima está danificada, precisando de reparos. Mesmo assim foi possível a identificação dos dados.

Figura 37: Lápide do Padre Francisco Mariano da Costa.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes do Padre Francisco Marianno da Costa falecido em 9 de dezembro de 1894.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1894.
Ornamentos: decorativos, em arabesco nas bordas.
Estado de Conservação: Ruim. Mas permite a análise das inscrições.
Observação: A lápide acima está bastante danificada, mas dá pra identificar muito bem o ente a quem ela pertence. Trata-se do padre Francisco Mariano da Costa.

Figura 38: Lápide do Tenente Joaquim Mariano de Araújo Cerveira.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.

Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes do Tenente Joaquim Mariano de Araújo Cerveira, filho legitimo do Coronel Severo Antonio de Araújo Cerveira e D. Mariana Marcolina Alves Cerveira, nascido nesta cidade de Alcantara aos 8 dias de maio de 1833, e falecido aos 13 de maio de 1872. Seu pai e irmãos mandarão ergir esta lápide em signal de eterna saudade.

Material: Mármore branco de Carrara.

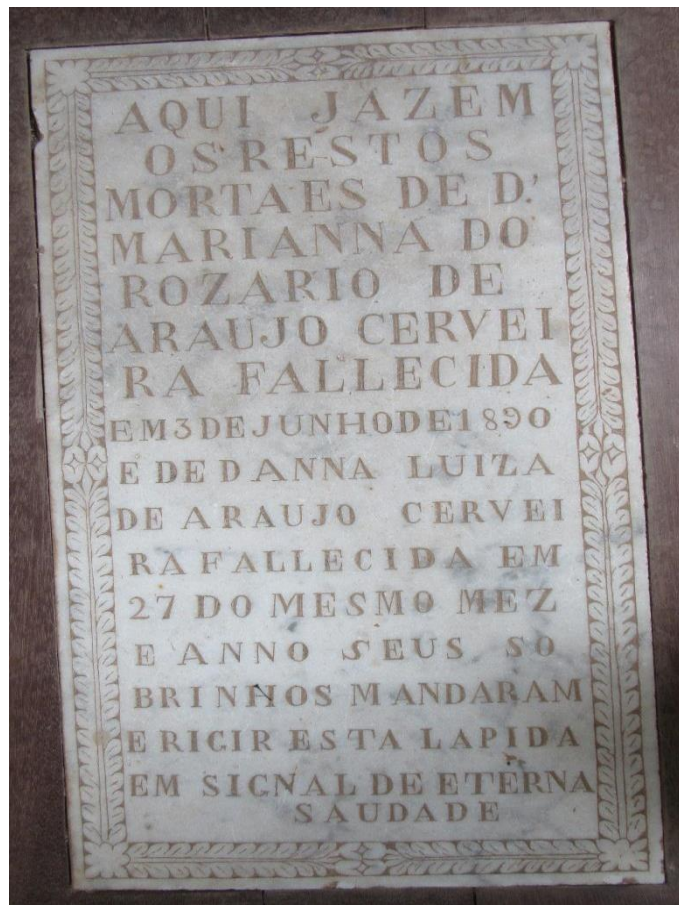
Primeiro Sepultamento: 1872.

Ornamentos: decorativos, em arabesco nas bordas.

Estado de Conservação: Regular, permitindo uma boa identificação sua epigrafia.

Observação: Embora a lápide esteja em estado regular de conservação, precisa de reparos.

Figura 39: Lápide de D. Marianna do Rozario de Araújo Cerveira e de D. Anna Luiza de Araujo Cerveira.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes de D. Marianna do Rozario de Araujo Cerveira Fallecida em 3 de junho de 1820 e de D. Ana Luiza de Araujo Cerveira falecida em 27 do mesmo mez e anno seus sobrinhos mandaram erigir esta lápide em signal de eterna saudade.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1890.
Segundo Sepultamento: 1890.
Ornamentos: assim como tantas outras, apresenta arabescos nas bordas.
Estado de Conservação: Bom estado.
Observação: Nesta lápide há o registro de duas inumações, as duas no mesmo ano, porém ocorreram em meses diferentes, para ser específico, junho e dezembro respectivamente.

Figura 40: Lápide do Coronel Severo Antonio D' Araújo Cerveira e seu neto Severo Antônio Maia Cerveira.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem os restos mortaes do Severo Antonio D' Araujo Cerveira, falecido a 28 de agosto de 1889 e seu neto Severo Antº Maia Cerveira, falecido a 10 de julho de 1887. Seos filhos e paes, Tn e C. Mariano Augº Ar. Cerveira e D. Maria A. Maia Cerveira, mandaram erigir esta lapida em signal de eterna saudade.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1887.
Segundo Sepultamento: 1889.
Estado de Conservação: Regular, mas permite uma boa análise das inscrições.
Observação: Esta lápide está precisando de reparos, é bem verdade, porém, ela não se pode dizer sobre seu conteúdo. Pois ela traz o de pelo menos três membros de uma família tradicional das antigas origens portuguesas. Trata-se dos Cerveiras, que segundo VIVEIROS, (1977). "Os Cerveiras que remontavam a sua ascendência a João Nunes Cerveira, senhor do lugar Cerveiras, no reinado de El- Rei Dom Sancho "(VIVEIROS, 1977, p. 51).

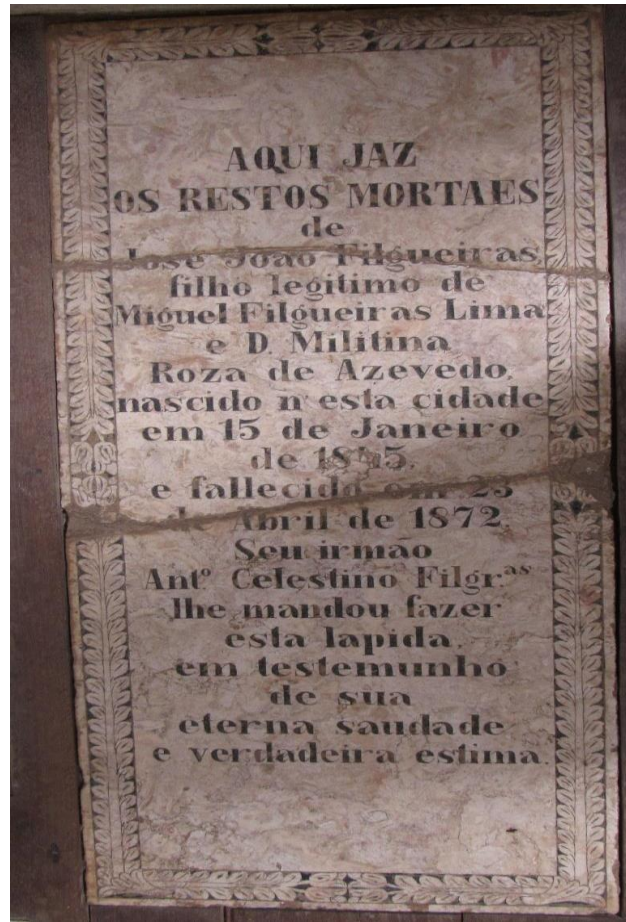
Figura 41: Lápide de D. Etelvina Franco de Sá.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jaz os restos mortaes de D. Etelvina Franco de Sá falecida em 21 de abril de 1873.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1873.
Ornamentos: em arabescos festais nas bordas.
Estado de Conservação: Bom.
Observação: Dona Etelvina Franco de Sá, pertence de acordo com os escritos da lápide, que lhe foi dedicada. Aos " que dizia descender de Mem de Sá, 3º Governador Geral do Brasil" (VIVEIROS,1977, p. 51).

Figura 42: Lápide de Jose João Filgueiras.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jaz os restos mortaes de José João Filgueiras filho legitimo de Miguel Filgueiras Lima e D. Militina Roza de Azevedo nascido nesta cidade em 15 de janeiro de 1845 e falecido em 23 de abril de 1872. Seu irmão Antº Celestino Filgr lhe mandou fazer esta lápide em testemunho de sua eterna saudade e verdadeira estima.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1872.
Ornamentos: decorativos em arabesco nas bordas.
Estado de Conservação: Regular, precisando de reparos.
Observação: sem observação importância para esta.

Figura 43: Lápide com inscrições de difícil identificação.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Ilegível
Material: Ao que tudo, indica trata-se de uma placa metálica
Primeiro Sepultamento: 1864.
Estado de Conservação: Muito ruim
Observação: Nesta Lápide as inscrições estão tão danificadas que não foi possível identificar a quem pertence. O que nos foi possível ler a olho nu foram apenas parte das inscrições como "formado em medicina", referindo-se à faculdade que cursou, parte de uma palavra que parece ser "Bahia", "legítimo", "José João Franco de Sá", e o número "1864", que entendemos ser ano da morte e sepultamento da pessoa ali inumada, mas não identificado.

Figura 44: Lápide de D. Anna Jacinta Mendonça Reis.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jaz os restos D. Anna Jacinta Mendonça Reis, natural desta cidade falecida em 31 de agosto de 1865 com 55 anos seu viúvo João Alex Franklin do Reis lhe mandou colocar esta lápide em prova de amizade.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1865.
Estado de Conservação: Ótimo estado.
Observação: Assim como em outras, aqui consta além da data do falecimento, a quantidade de anos que a D'Anna tinha no dia em que morreu.

Figura 45: Lápide de D. Roza Alves Martins.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Ilegível
Material: Granito preto.
Primeiro Sepultamento: 1858.
Segundo Sepultamento: 1861.
Estado de Conservação: Ruim, deformada.
Observação: Esta lápide está com uma deformação, que está dificultando a identificação dos dados principais nas inscrições. Por isso, uns nomes estão incompletos e outros não foram descritos, com destaque para os nomes das duas pessoas inumadas só dá pra saber que se tratava de duas mulheres e, ao que tudo indica, eram irmãs.

Figura 46: Lápide de D. Maria José Rodrigues Netto.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jaz D. Maria José Rodrigues Netto, falecida em 14 de março de 1893.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1893.
Estado de Conservação: Regular, danificada.
Observação: Esta lápide é simples, porém objetiva e bem legível. No entanto, está precisando de reparos.

Figura 47: Lápide do Tenente Coronel Manoel GLZ de Sá.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jaz o T. C. Manoel GLZ, de Sá. Falleceo a 12 de julho de 1885. Sua filha D. Hortencia Ribeiro de Sá. Offerece-lhe como lembrança.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1885.
Estado de Conservação: Bom estado.
Observação: Esta lápide também é simples e objetiva, bem legível e bem conservada com apenas uma pequena deformação no canto inferior direito.

Figura 48: Lápide de Engracia R. Martins.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Jazigo de Engracia R. Martins. Faleceu em 27-1-1901.
Material: Mármore branco de Carrara.
Alegorias: Religiosa.
Primeiro Sepultamento: 1901.
Ornamentos: A cruz em baixo-relevo, símbolo da paixão de Cristo. Conforme a tradição, representa o local em que Cristo foi crucificado, é o símbolo da sorte e da esperança.
Estado de Conservação: Ótimo estado.
Observação: Tanto esta lápide como sua epigrafia são bem simples, mesmo assim, cumpre seu papel informativo. Observou-se que embora o material mais comum na maioria das lápides seja o mesmo, isto é, o Mármore de Carrara, pelo seu resumido texto, e fazendo uma comparação entre lápides de outras pessoas e outras épocas, conclui-se que ou a dona Engracia não possuía um poder aquisitivo alto ou já são os efeitos da mentalidade secularizada, se mostrando por meio das lápides também.

Figura 49: Lápide de José Tietri de Carvalho.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: José Tietri de Carvalho. Fallecido em 10-4-1912.
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1912.
Ornamentos: decorativos em arabesco festais.
Estado de Conservação: Regular.
Observação: A data de 1912 que consta como ano do sepultamento, ao que nos parece já estavam proibidos por decreto os sepultamentos nas igrejas e arredores. Conforme: (Maranhão, Lei n. 225, Título VIII, 1846, p.91-92) obs. Essa referência foi citada por Agostinho Júnior Holanda.

Figura 50: Lápide de Maria Eugenia do Rosario.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui jazem os restos mortaes de Maria Eugenia do Rosário *1843 +1926
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1926.
Estado de Conservação: Muito ruim, porém, as inscrições estão preservadas.
Observação: Esta é mais uma lápide caracterizada pela objetividade e simplicidade dentro daquele período observado, depois da proibição dos sepultamentos nas igrejas.

Figura 51: Lápide: Com inscrições totalmente apagadas.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Ilegível
Material: Não é possível descrever o tipo, embora esteja protegido por uma vidraça.
Estado de Conservação: Péssimo, precisando ser trocada ou restaurada.
Observação: Esta Lápide se encontra nas condições já referidas, com epigrafias totalmente apagadas, impossibilitando sua análise.

Figura 52: Lápide do Comendador, José Maria da Costa Ferreira.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Ilegível
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1864.
Segundo Sepultamento: 1865.
Ornamentos: em arabescos festais nas bordas.
Estado de Conservação: Péssimo.
Observação: Existe um terceiro sepultamento referido, mas, devido ao estado muito deplorável em que se encontra esta lápide e suas inscrições, não foi possível identificar bem algumas palavras, inclusive o ano do terceiro sepultamento. Mesmo assim, é possível compreender que todos os citados nesta pertenceram a uma mesma família. A despeito disto, esta lápide precisa de uma restauração total no nosso entendimento.

Figura 53: Lápide com inscrições totalmente apagadas pelas ações do tempo.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara - MA
Epitáfio: Ilegível
Material: Não foi possível identificar, pois encontra-se muito deformada, mesmo estando recoberta por vidro.
Estado de Conservação: Péssima, precisando ser trocada.
Observação: Essa é mais uma das lápides mencionadas no texto, sem possibilidade de análise devido ao seu estado de precariedade ocasionado pela umidade, possivelmente por se encontrar no piso e por não dispormos de equipamentos ou instrumentos adequados para uma investigação mais aprofundada.

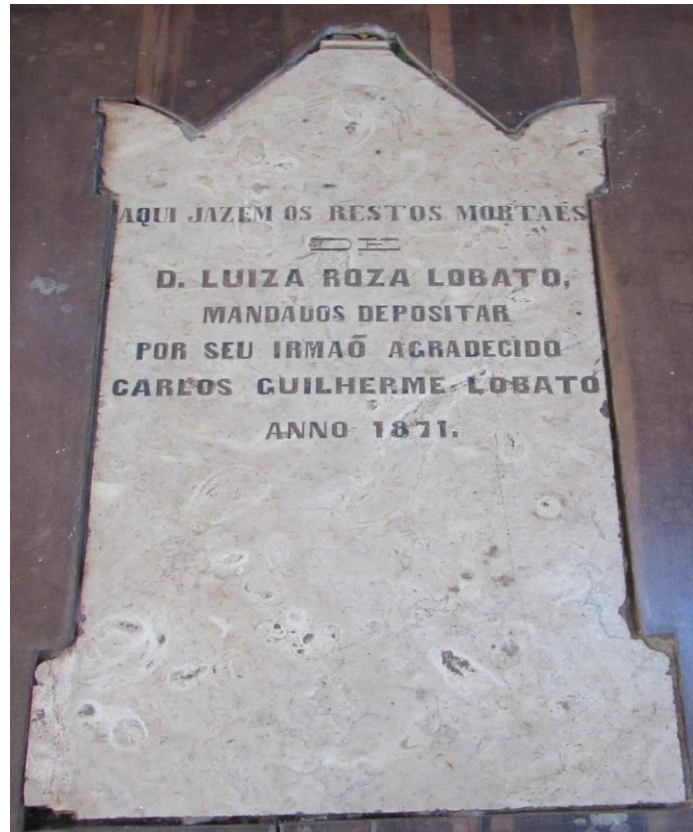
Figura 54: Lápide de Luis Alfredo P. Guterres.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara - MA
Epitáfio: Ilegível
Material: Mármore branco de Carrara.
Primeiro Sepultamento: 1872.
Ornamentos: decorativos em arabesco festais nas bordas.
Estado de Conservação: Muito ruim.
Observação: Esta lápide encontra-se bastante danificada. Nesta pesquisa não foi possível identificar qual razão para haver tantas lápides quebradas e danificadas, acreditamos haver uma razão específica, ainda não sabemos o porquê ou qual. Uma outra observação relevante sobre o Luís Alfredo, é que devido ao estado de mal conservação da lápide, as inscrições estão em parte ilegíveis, por exemplo, o terceiro nome dele não está claro, bem como outras palavras. Ainda assim " o Guterres", esse está legível e nos permite supor tratar-se de mais um descendente das famílias tradicionais oriundas de Portugal nos períodos coloniais e pós-colonial, a que Viveiros (1977) faz referência nestes termos: “Serrão, Ribeiro, Ponsadilha, Guterres, Franco de Sá, Costa Ferreira, Viveiros, Sousa, Duarte, Morais, Gomes de Castro, Araújo etc. (VIVEIROS, 1977, p.51) Porém, existem outras lápides contendo esse mesmo sobrenome.

Figura 55: Lápide de D. Luzia Rosa Lobato.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara – MA.
Epitáfio: Aqui Jazem restos mortaes D. Luiza Roza Lobato, mandados depositar por seu irmão agradecido Carlos Guilherme Lobato anno 1871.
Material: Mármore branco de Carrara.
Alegorias: Religiosa.
Primeiro Sepultamento: 1871.
Estado de Conservação: Bom.
Observação: Esta lápide tem o formato que lembra a fachada de uma igreja cristã.

Figura 56: Urna ossuária do Coronel Antônio C. F. de Moraes.



Fonte: Autoria própria, 2021.

Localização: Igreja do Carmo – Alcântara - MA
Epitáfio: Aqui descansa os restos mortaes do Coronel Antonio Celestino Ferreira de Moraes que faleceu a 22 de março de 1868.
Material: Mármore de Carrara Rosa.
Elementos: Pés. Significado do símbolo: o pé representa a força da alma (CHEVALIER, 1996).
Primeiro Sepultamento: 1868(?).
Ornamentos: decorada em arabescos festais.
Estado de Conservação: Ótimo estado.
Observação: Curiosamente esta é a única urna ossuária encontrada na igreja do Carmo até o momento de nossa pesquisa, ela encontra-se no piso da Capela, situada do lado esquerdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho chegamos à conclusão de que, somente os nobres e os que possuíam algum prestígio; político social, cultural e religiosos adquiram um lugar de sepultar dentro das igrejas e capelas, porque podiam pagar para ter seu desejo atendidos: (BASTIANELLO, 2016) Que os seus restos mortais descansem em paz, dentro dos templos e mais próximo possível do altar. Por acreditarem que desta forma estariam no caminho da Salvação e bem mais perto do divino. Embora o desejo de ser sepultado no mesmo ambiente onde se realizava culto divino, local em que o convívio de vivos e mortos possuía uma “aproximação” mais que milenar, o fim contestável do aumento vertiginoso ou crescente da população o que em pouco tempo impossibilitaria novos sepultamentos que não tivesse sido proibido por lei. Isso porque já no final do século XIX, muitos dos espaços dentro dos perímetros urbanos destinados a sepultamento já se encontravam saturados.

O privilégio do sagrado é objeto dos ilustres sepultados no interior da Igreja, enquanto o contrário é o esquecimento. Pois, todo indivíduo sepultado sem lápide e sem nome não possui a qualificação de ilustre, de modo que seu espaço no cemitério é relegado ao esquecimento.

No decorrer deste trabalho de pesquisa, concluímos, entre outras coisas, que as imagens nos falam e tem o poder de passar informações tanto do presente quanto do passado. As representações e iconografias gravadas na pedra das lápides guardam resquícios da História da cidade e nos pequenos detalhes, propiciando ao pesquisador/historiador a sensibilidade do passado distante atrelado ao presente, o modo de vida, hábitos e costumes das pessoas inumadas.

Os resultados a partir das análises das imagens coletadas das lápides existentes no interior da igreja do Carmo em Alcântara - MA, mostram também o poder de valorização da memória dos mortos, e revelam que, na sua maioria, foram pessoas que, em vida, tiveram algum tipo de prestígio junto a sociedade alcantareense. A partir desta constatação, nos permitimos levantar ou renomear alguns questionamentos relevantes para o momento. Quem era sepultado dentro das igrejas? Todos os mortos ou só uma classe específica? Sempre foi assim? E mais, quando começou e quando terminou? Embora todas essas questões tenham respostas, respondê-las não será tarefa fácil, mas, tentaremos encontrar possíveis respostas, a fim de dar a este trabalho uma significação plausível.

Para tanto, reafirmamos que as lápides da igreja do Carmo estão ali como fontes para se reescrever a História da cidade por novos olhares, o das representações da morte. A significação das inscrições lapidárias é de inegável importância para a memória de um local por demonstrar,

além das representações da morte, noções da vida social, política e econômica de uma cidade. As lápides constituem verdadeiras certidões de vida e atestado de morte, ou melhor dizendo, é como se fosse a certidão de nascimento e a certidão de óbito, impressas em granitos, mármore e metais, por assim dizer.

Em algumas lápides analisadas há registros da profissão, a instituição em que a pessoa estudou e até o ano do casamento. E como um ditado popular diz: “A história se repete” e a história se repetiu, mesmo. A partir de 2020 com a propagação do vírus de COVID-19, quando milhares de pessoas do Brasil e do mundo não puderam realizar velórios de seus entes queridos por medo da contaminação do vírus. A mesma situação vivida nos anos de 1949 a 1950, respectivamente quando ocorreu, a primeira epidemia de cólera e em 1950 a de malária, onde milhares de pessoas morreram no Brasil, e também não foram veladas e, pior em ambos os casos nem puderam ver os corpos. A morte, portanto, sempre foi temida, mas é em períodos de epidemias e agora num grau mais agudo a pandemia.

Perguntado se no dito Museu existia algumas evidências que fizesse referência aos locais de sepultamentos em especial a igreja do Carmo? – ao respondeu negativamente, afirmando haver nas dependências do Museu, apenas um conjunto sacro, trata-se na verdade de um anjinho e um crucifixo ambos de mármore de carrara branco, que segundo o entrevistado esse conjunto teria vindo do cemitério São Benedito da mesma cidade.

Perguntamos também se ele conheceu algum parente de alguma das pessoas inumadas na igreja do Carmo? – respondeu que não. Mesmo sendo poucas diretas as respostas do Sr. Paulo, elas contribuíram para minimizar algumas dúvidas.

Durante a realização da pesquisa enfrentamos algumas dificuldades em virtude do contexto em que estamos vivendo e alguns dos objetivos propostos inicialmente tiveram que ser repensados, como por exemplo, as entrevistas. Mas, com todo cuidado e respeitando as medidas de segurança impostas pela pandemia de COVID-19, ainda conseguimos conversar com Paulo Melo Sousa, diretor do Museu de Histórico de Alcântara e um dos idealizadores do projeto: “*Guardiões da Memória*” de Alcântara, cuja finalidade é resgatar alguns pontos turísticos da cidade através da recuperação física do espaço.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Julyana Cabral et al. **Lembrar dos Mortos:** uma análise do espaço cemiterial à luz do conceito de memória coletiva em Maurice Halbwachs. *Lumina*, v. 15, n. 2, p. 86-102, 2021.
- ARIÉS, P. **O Homem diante da morte.** v.1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BARBOZA, Vania Maria. **Sociedade dos vivos x cidades dos mortos:** a visão da morte na sociedade erechinense. *Perspectiva, Erechim*, v. 37, p. 125-137, 2013.
- BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **A memória retida na pedra:** a história de Bagé inscrita nos monumentos funerários. Bagé: Ed.do. Autor, 2016. 224 p.
- BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na Morte como na Vida:** Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915). Maio 2003. Dissertação de (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.
- BENJAMIN, W. Magia e Técnica, **Arte e Política:** Ensaio sobre literatura e história da cultura. 8ª Ed. Revista – São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas V.I).
- Bíblia, N.T. João. Português. *in: Bíblia Sagrada.* Reed. Versão de Antonio pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. das Americas, Cap. 11, Vers.1-46.
- BORGES, Maria Elizíia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930):** ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = **Funerary Art in Brazil (1890- 1930):** italian marble carver cra in Ribeirão Preto / Maria Elizíia Borges. – Bilíngue. 2 ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.
- BORGES, Maria Elizia. **Arte Tumular:** a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no Período da Primeira República. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Arte). ECA-USP.
- BURKE. Peter. **Testemunha Ocular:** História e imagem. São Paulo, Bauru: EDUSC, 2004.
- CAIRES, Daniel Rincon. **Estudos alcantarenses:** artigos e ensaios. Brasil: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- CASTRO, Elisiana Trilha. **In Frieden:** inventário dos cemitérios de imigrantes alemães de São Martinho. Blumenau: Nova Letra, 2014.
- CHARTIER, ROGER. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1966.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, A., **Dicionário de Símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- COE, Agostinho Júnior Holanda. **O Discurso Médico de Transferência dos Enterramentos das Igrejas para os Cemitérios em São Luís (1820-1860).** Usos do passado. XII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro, 2006.

COULANGES, Fustel de. DENIS, Numa. **A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma.** [Tradução] Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2009.

DIAS OLIVEIRA, Sara. **Lápide, símbolo de luto e de lembrança.** [S. l.]: Notícias Magazine, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2021/lápide-simbolo-de-luto-e-de-lembranca/historias/264034/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

EMILIANO, D.; MARTIN, A. G.; PEREIRA, V. A. **Cultura Kaingang: saberes e identidades direcionados aos desafios contemporâneos da preservação e da educação ambiental.** PerCursos, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 203 - 233, 2019. DOI: 10.5965/1984724619412018203. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724619412018203>. Acesso em: 2 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

MARQUES, C. **Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão.** Rio de Janeiro: Cia Editora Fon-Fon Seleta, 1870.

PORTAL DO IPHAN. **Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Alcântara, MA: conjunto arquitetônico e urbanístico (Alcântara -MA).** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_hist.gif&Cod=1237. Acessado em: 05 de junho de 2021.

PORTO, Walter Costa. **Católicos e acatólicos: o voto no Império.** Liberdade e Cidadania. Ano II, n. 5, 2009.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Dimas dos Reis. **Cemitérios sem Mistérios: a arte tumular do Sul de Minas – 1890 1925 – Região dos Lagos de Furnas.** Alterosa, MA: Ed. Autor, 2006.

RIBEIRO, Dimas dos Reis. **Cemitérios sem mistérios: a arte tumular do sul de Minas – 1890 a 1925: região dos Lagos de Furnas.** Alterosa-MG: Ed. Autor, 2006.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Secretária Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. 276 p.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara: no seu passado econômico, social e política.** 3 ed. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1977.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidade.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginários na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX.** São Paulo: Editora Ática, 1997

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUADRO RESUMO DE FIGURAS E LÁPIDES								
FIGURAS	LÁPIDES	PISO	PAREDES		SEXO		INUMAÇÕES	SEPULTAMENTOS
			DIREITA	ESQUERDA	MAS	FEM	SEPULTADOS	ANOS
1	Vista Panorâmica da Igreja do Carmo							
2	José Gomes D' Oliveira	X			X		1	1859
3	Coronel Gustavo A. Costa Ferreira e seu filho Cássio A. da Costa Ferreira	X			X		2	1894 e 1897
4	Sem inscrições	X			-	-	-	-
5	Thomas Marianno Ferreira Guterres	X			X		1	1868
6	Francisco de Salles Bastos	X			X		1	16867
7	Leandro Carlos de Sá	X			X		1	1860
8	Alferes Joze Antonio Bastos	X			X		2	1867 e 1872
9	D. Maria Thereza de Oliveira Mello	X				X	1	1872
10	José R. G. de Castro	X			X		1	1900
11	Dr. Pedro José da Silva Guimarães Júnior.			X	X		1	1859
12	D. Anna Raymunda Ferreira Trindade			X		X	1	1849
13	Antonio Bernardo de Sá Trindade			X	X		1	1847
14	Domingos Luiz Vianna	X			X		2	1843 e 1844

15	João Costa Netto	X			X		1	1856
16	Agostinho Pereira dos Reis	X			X		1	-
17	Visão geral da parede lateral esquerda da Capela			X			1	-
18	Capitão Pedro Joze da Silva Guimarães			X	X		1	
19	José Antonio Pereira de Lima			X	X			
20	Coronel João Francisco Mendes			X	X			
21	D. Anna Rosa Mendes de Viveiros			X		X		
22	Visão geral da parede lateral direita da Capela	X						
23	Capitão Manoel Alves Serrão		X		X			
24	D. Anna Benedicta de Viveiros Pires		X			X		
25	D. Francisca Eugenia Ferreira e D. Mariana Benedicta Ferreira		X			X	2	1849 e 1854
26	D. Leontina Stella Ribeiro Guimarães	X			X	X	1	1829
27	D. Maria Thereza Martins do Prado	X				X	1	-
28	Dr. Alexandre Jose de Viveiros	X			X		-	-
29	Joaquim Jose Souto	X			X		2	1828 e 1862
30	Antonio Augusto Correia Guimarães	X			X			1869
31	Sem inscrições	X			-		-	-

32	Antonio João de D' Azevedo.	X			X		x	1863
33	Inscrições danificadas	X			-		-	-
34	Virgílio Frederico de Andrade Vellozo.	X			X		3	1872, 1872, 1874
35	Antonio Manoel dos Reis	X			X		1	1885
36	D. Mariana de Jesus Ribeiro.	X				X		1901
37	Padre Francisco Mariano da Costa	X			X		1	1894
38	Tenente Joaquim Mariano de Araújo Cerveira	X			X		1	1872
39	D. Marianna do Rozario de Araújo Cerveira e de D. Anna Luiza de Araujo Cerveira	X				X	2	1890 e 1890
40	Coronel Severo Antonio D' Araújo Cerveira e seu neto Severo Antônio Maia Cerveira	X			X		2	1887 e 1889
41	D. Etelvina Franco de Sá	X				X	1	1873
42	Jose João Filgueiras	X			X		1	1872
43	Inscrições de difícil identificação	X			-	-		-
44	D. Anna Jacinta Mendonça Reis	X				X	1	1865
45	D. Roza Alves Martins	X				X	2	1858 e 1861
46	D. Maria José Rodrigues Netto	X				X	1	1893
47	Tenente Coronel Manoel GLZ de Sá.	X			X		1	1885
48	Engracia R. Martins.	X				X	1	1901

49	José Tietri de Carvalho.	X			X		1	1912
50	Maria Eugenia do Rosario.	X				X	1	1926
51	Com inscrições totalmente apagadas.	X			-	-	-	-
52	Comendador José Maria da Costa Ferreira.	X			X		2	1864 e 1865
53	Lápide com inscrições totalmente apagadas	X			-	-	-	-
54	Luis Alfredo P. Guterres.	X			X		1	1872
55	D. Luzia Rosa Lobato	X				X	1	1871
56	Coronel Antônio Celestina Ferreira de Moraes	X			X		1	1868